

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Pietra Marques Mendes de Mesquita Strengé Tórgo

**EQUOTERAPIA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ESPAÇO TERAPÊUTICO
E EDUCACIONAL**



Fonte: Acervo do autor

Porto Alegre
2019/1

Pietra Marques Mendes de Mesquita Strenge Tórgo

**EQUOTERAPIA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ESPAÇO TERAPÊUTICO
E EDUCACIONAL**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra dos Santos Andrade

Porto Alegre
2019/1

Pietra Marques Mendes de Mesquita Strenge Tórgo

**EQUOTERAPIA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ESPAÇO TERAPÊUTICO
E EDUCACIONAL**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em _____ de _____ de 2019.

Profa. Dra. Sandra dos Santos Andrade – Orientadora

Profa. Dra. Luciana Vellinho Corso – UFRGS

Paulo Sérgio Bazile da Silva – EQUUS CIAPE

AGRADECIMENTOS

Tudo de bom que você me fizer
Faz minha rima ficar mais rara
O que você faz me ajuda a cantar
Põe um sorriso na minha cara¹

Em minha vida, sempre tive a felicidade de ser cercada por muitas pessoas queridas e inspiradoras que dão significado para esta trajetória. Nasci em uma família de muitos educadores, a eles agradeço imensamente por me ensinarem o poder transformador que a educação tem. Em especial, agradeço a minha mãe Rosária, por sua dedicação e amor incondicionais comigo; agradeço ao meu pai Rodrigo, por sempre despertar-me a curiosidade e a vontade de almejar novos saberes; agradeço ao meu padrasto Nei e a minha madrastra Patrícia, por serem pai e mãe sempre que eu precisei; agradeço a minha avó Selma, ao meu avô Ofredy e a minha tia Alecsandra, por serem meus exemplos de docência; agradeço a minha tia Águeda, por me inspirar e incentivar a seguir os seus passos no caminho equoterápico; agradeço aos meus padrinhos Leonnardo e Dulce, por me acolherem como sua filha e terem contribuído diretamente para a minha formação pessoal e profissional; agradeço ao restante da minha família, pois ela é o meu esteio e amor incondicional.

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos, que das mais diversas maneiras, enriquecem a minha vida. Em especial, as minhas amigas de infância, pois quando penso nelas, percebo a sorte que tenho de ter construído laços verdadeiros de amizade, que independente dos diferentes rumos que nossas vidas tomaram, sempre irão prevalecer.

Ao ingressar na Faculdade de Educação, percebi a busca pelo conhecimento como geradora das mais profundas e lindas mudanças em mim. Nesse espaço fiz inúmeras descobertas, amadureci e me constituí enquanto profissional e ser humano. A todos que fizeram parte da minha formação acadêmica, agradeço imensamente por tantas trocas, ensinamentos e momentos inesquecíveis. Em especial, agradeço aos meus professores, por me ensinarem, através da prática, a amar e admirar a profissão que escolhi; agradeço as amigas que fiz ao longo desses anos, pois são mulheres incríveis, que me inspiram e me ensinam a ser alguém melhor e compartilham comigo a jornada pelo autoconhecimento.

Agradeço aos profissionais do centro de Equoterapia parceiro desta pesquisa, por me proporcionarem a oportunidade ímpar de vivenciar a prática equoterápica e por me receberem tão generosamente; agradeço a profa. Sandra, minha orientadora, por ter agregado tanto na

¹ Música: Sorte
Autoria: Ronaldo Bastos/Celso Fonseca

construção deste trabalho e por sempre ter me orientado com dedicação, sabedoria e gentileza, inspirando-me na prática docente.

Agradeço aos queridos docentes que guiaram meus passos escolares, despertando-me o prazer pelos estudos e me trazendo até aqui. Hoje realizo um sonho em poder ser chamada de “professora” e fazer a diferença na vida de tantas crianças. Finalmente consigo compreender a grandeza e os desafios dessa profissão, da qual me orgulho tanto em fazer parte.

Logo nos primeiros meses da minha jornada acadêmica, recebi a oportunidade de trabalhar em um colégio que tanto admiro e lá permaneço até hoje, aprendendo e ensinando a cada dia mais. Nesse lugar, aprendi a prática docente com profissionais competentes e apaixonados pela sua profissão, construí amizades verdadeiras e fiz parte de muitas histórias. Sou grata a toda essa comunidade escolar, que me ensinou que juntos somos capazes de transformar o mundo em um lugar melhor.

Para finalizar, gostaria de agradecer a todos que fazem ou já fizeram parte da minha vida, pois sei que, de certa maneira, são peças fundamentais para eu ser quem sou hoje. Encerro esta etapa tomada pelo sentimento de gratidão por tudo e todos que constituíram a minha caminhada até aqui e, ansiando por tudo e todos que ainda virão.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como a Pedagogia pode contribuir para o trabalho realizado na Equoterapia. Para isso, a metodologia adotada foi pesquisa de campo, realizada em um centro equoterápico na zona rural do município de Porto Alegre – RS. Através dos relatos desta experiência, foi possível analisar que lugar a Pedagogia pode ocupar, junto a outras áreas do conhecimento, no atendimento de crianças com deficiência no ambiente equoterápico e quais estratégias podem ser desenvolvidas pela pedagoga como parte da equipe interdisciplinar. A Equoterapia é um método terapêutico que vem conquistando seu espaço no tratamento de pessoas com deficiência. A prática equoterápica está fundamentada no princípio da interdisciplinaridade entre as áreas de saúde, educação e equitação. Em decorrência de a Pedagogia ser o ramo da educação que investiga e acompanha o processo de aprendizagem de crianças, jovens e adultos, a atuação pedagógica é um dos pilares da Equoterapia. Entretanto, as bibliografias referentes a este método terapêutico são, em sua maioria, escritas sob a ótica da saúde. Por tal motivo, esta pesquisa propõe a abordagem do âmbito equoterápico através da visão pedagógica, ressaltando, por exemplo, o trabalho do cavalo não só como instrumento cinesioterapêutico, mas também pedagógico.

Palavras-chave: **Equoterapia. Interdisciplinaridade. Atuação pedagógica. Dificuldades de aprendizagem.**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Equipe Interdisciplinar da Equoterapia	30
Quadro 2 - Praticantes de Equoterapia Observados	31
Quadro 3 - Praticantes Acompanhados	38
Imagem 1 - Livro: Eu nunca vou comer um tomate.....	61
Imagem 2 - Livro: Este livro comeu o meu cão	61
Imagem 3 - Avental de contação de história	61
Imagem 4 - Boneca de pano	61
Imagem 5 - Dado de pelúcia.....	62
Imagem 7- Família de bonecos.....	62
Imagem 6 - Dado de pelúcia.....	62
Imagem 8 - Bonecos em palito	62
Imagem 9 - Bolas coloridas	62
Imagem 10 - Letras em EVA.....	62

SUMÁRIO

1 FAZ PARTE DO MEU SHOW: INTRODUÇÃO.....	9
2 HÁ DEZ MIL ANOS ATRÁS: EQUOTERAPIA ATRAVÉS DA HISTÓRIA	12
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EQUOTERAPIA.....	13
2.2 PROGRAMAS BÁSICOS DE EQUOTERAPIA	15
2.3 A EQUIPE INTERDISCIPLINAR DE EQUOTERAPIA	16
2.4 AS INTERFACES DO CAVALO NO TRABALHO EQUOTERÁPICO	17
3 UM MAIS UM É SEMPRE MAIS QUE DOIS: INTERDISCIPLINARIDADE.....	19
3.1 CONTEXTO INTERDISCIPLINAR NA EQUOTERAPIA.....	21
4 É CHATO CHEGAR A UM OBJETIVO NUM INSTANTE: MATERIAL EMPÍRICO E METODOLOGIA DE PESQUISA	23
4.1 PERCURSO METODOLÓGICO.....	23
4.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	26
4.3 O CAMPO	28
4.4 DESCRIÇÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	32
5 A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DE CAMPO	37
5.1 CRIANÇAS OBSERVADAS.....	37
5.2 INTERDISCIPLINARIDADE	46
5.3 PEDAGOGIA NA EQUOTERAPIA	49
5.4 DESAFIOS ENCONTRADOS.....	53
5.5 RECURSOS PEDAGÓGICOS.....	55
6 QUEM ACREDITA SEMPRE ALCANÇA: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A – RECURSOS PEDAGÓGICOS.....	61

1 FAZ PARTE DO MEU SHOW: INTRODUÇÃO

Faço promessas malucas
Tão curtas quanto um sonho bom²

A Pedagogia é uma área da educação que habilita o trabalho em contextos educativos escolares e não-escolares. Contudo, atuar em outros espaços que não o escolar ainda é um desafio grande para os pedagogos, considerando que a maioria desses profissionais encontra-se em instituições escolares e tiveram a escola como foco de sua formação. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo, refletir sobre o espaço de atuação pedagógica em um contexto não-escolar, mais especificamente, em centros de Equoterapia.

A escolha por essa proposta de pesquisa acompanha-me desde o ingresso no curso de licenciatura em Pedagogia, pois minha intenção, ao formar-me pedagoga, sempre foi a de trabalhar com Equoterapia e crianças com deficiência e dificuldades de aprendizagem. Conheço e acompanho o trabalho equoterápico há muitos anos, visto que tenho uma tia psicopedagoga que trabalha com Equoterapia desde os primeiros anos da Associação Nacional de Equoterapia, cuja sigla oficial é ANDE-BRASIL³, fundada em 1989.

O equoterapeuta⁴ deve ser graduado nas áreas da saúde e/ou educação. Porém, como este é um ramo de atuação específica, pouco mencionado nos cursos de graduação e que exige o contato direto com cavalos, faz-se necessária à busca por cursos de Equoterapia. O método equoterápico tem o cavalo como figura principal para o cumprimento da missão de “reabilitação, educação e de inserção social, para melhorar a qualidade de vida de pessoas com deficiência” (ANDE-BRASIL, 2017. p. 4). Mesmo o manejo dos animais sendo de responsabilidade dos profissionais da área da equitação, é importante que os equoterapeutas tenham intimidade com os cavalos e seu ambiente, desenvolvendo uma relação baseada em respeito e confiança.

Desde os primórdios da humanidade, a história do homem está ligada à história do cavalo. A relação homem-cavalo é milenar e, desde seu início, os equinos participam ativamente das transformações das sociedades, auxiliando na agricultura, como meio de

² Música: Faz parte do meu show

Autoria: Cazuza/Renato Ladeira

³ Entidade civil sem fins lucrativos, de caráter filantrópico, assistencial e terapêutico. Tendo sede em Brasília – DF, atua em todo o Território Nacional.

⁴ Nomenclatura utilizada para referir-se aos profissionais de saúde e educação que trabalham em Equoterapia.

transporte, nas guerras, caças, esportes, lazer etc., a presença do cavalo sempre se fez importante. Sendo assim, os estudos referentes a esse animal evoluem em paralelo à história da humanidade. Não é de hoje que a equitação, por exemplo, vem sendo estudada como fator regenerador para a saúde, o primeiro registro que se tem conhecimento é de Hipócrates (458-377 a.C.) que recomendava a prática em seu compêndio “Das Dietas” principalmente para o tratamento de insônia (MEDEIROS; DIAS, 2008). De lá para cá, os estudos em relação aos cavalos e os benefícios que a equitação traz para a saúde só fizeram avançar.

Com o passar dos séculos, a prática equestre, já reconhecida como tratamento de saúde, também adquiriu destaque como tratamento terapêutico. Partindo da visão do cavalo como instrumento terapêutico, surge o que conhecemos hoje como Equoterapia “como a grande evidência da interação entre esse agente facilitador de benefícios biopsicossociais, o cavalo, e os indivíduos que possuem alguma dificuldade em especial”. (MEDEIROS; DIAS, 2008. p. 1)

Indo ao encontro da definição trazida pela ANDE-BRASIL, Medeiros e Dias (2008), relembram que a Equoterapia é um método interdisciplinar que abrange as áreas da saúde, educação e equitação.

A equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo a partir de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de Saúde, Educação e Equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais. (MEDEIROS; DIAS, 2008. p. 8)

A Pedagogia é um dos ramos da educação que ganha espaço na equipe interdisciplinar equoterápica. Por sua vez, as produções teóricas existentes sobre esse método terapêutico são, em sua grande maioria, escrita por e para profissionais da área da saúde. Em minhas pesquisas por referenciais bibliográficos, não encontrei material sobre a atuação de pedagogos em Equoterapia. Entendo que a dificuldade na localização de trabalhos da área da educação pode ter se dado em função de realmente haver poucos estudos partindo deste campo e também pela escolha das palavras-chave selecionadas para a busca. Sendo assim, o intuito desta pesquisa é refletir, especificamente, sobre o espaço de atuação pedagógica e a função de pedagogos em Equoterapia. Anseio que profissionais da Pedagogia que desejam trabalhar com Equoterapia possam encontrar, nesta pesquisa, uma possível referência e, sintam-se representados e confortáveis para seguir essa escolha se assim desejarem.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia – UFRGS constituiu-se a partir de uma pesquisa de campo realizada entre os meses de março a junho de

2019. O texto está dividido nos seguintes capítulos: Faz parte do meu show: é a introdução, que descreve, de maneira breve, a temática desta pesquisa e o que o leitor pode esperar da mesma; 2. Há dez mil anos atrás: Equoterapia através da história – este capítulo apresenta uma breve contextualização sobre a Equoterapia e qual a sua finalidade enquanto método terapêutico, a função da equipe interdisciplinar e as interfaces do cavalo como instrumento interdisciplinar; 3. Um mais um é sempre mais que dois: Interdisciplinaridade – neste subcapítulo apresento a interdisciplinaridade como um dos pilares mais importantes no trabalho equoterápico, sendo assim, fez-se necessário contextualizá-la e referenciá-la, bem como abordar o contexto em que a mesma se apresenta no âmbito equoterápico; 4. É chato chegar a um objetivo num instante: Material empírico e metodologia de pesquisa – neste capítulo está descrita a metodologia adotada para a elaboração desse estudo, como se deu a busca por referenciais bibliográficos ao longo da construção teórica da pesquisa; oferece, também, a contextualização do centro de Equoterapia observado, a apresentação dos praticantes com os quais interagi mais fortemente durante o trabalho de campo e a rotina do local; 5. A beleza de ser um eterno aprendiz: Análise e interpretação dos dados de campo – capítulo em que apresento as reflexões possíveis obtidas ao longo do período como observadora participante na Equoterapia e, na sequência, faço uma análise dos dados utilizando os conhecimentos teóricos e práticos construídos ao longo da pesquisa.

Cada capítulo busca homenagear uma música, cuja mensagem inspirou-me na escrita do material apresentado naquela sessão da pesquisa. A música tem a capacidade de nos acessar íntima e profundamente, cada ser humano relaciona-se com ela de uma maneira. Para mim, ela serve como fonte de inspiração e motivação. Por tal razão, escolhi músicas que possuem significados especiais em minha vida e, utilizá-las na escrita deste trabalho é uma singela forma de atrelar a minha identidade pessoal na escrita.

2 HÁ DEZ MIL ANOS ATRÁS: EQUOTERAPIA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Eu nasci
Há dez mil anos atrás
E não tem nada nesse mundo
Que eu não saiba demais⁵

O ser humano tem como uma de suas principais características a capacidade de estabelecer relações com outros animais, algumas já perduram há muitos anos. Dentre elas, podemos destacar a interação com o cavalo como uma das mais antigas e significativas na história da humanidade. Acredita-se que a relação entre homens e cavalos iniciou no período paleolítico, sendo possível encontrar entre as artes rupestres a representação da convivência humana com os equinos.

Encontramos nos desenhos paleolíticos os equídeos em movimento, pois esses foram dotados de combinações únicas com atribuições funcionais, tais como a velocidade, a agilidade e a resistência, fatores preponderantes para a sobrevivência em um ambiente inóspito como era o da época. [...] A forma de relacionamento de seres humanos com os cavalos foi se transformando historicamente. (FIUZA; PERANZONI; GUERRA, 2018. p. 19)

Ao longo dos séculos, o homem dedicou-se ao estudo dos equinos, fazendo inúmeras descobertas que, assim como destacam Medeiros; Dias (2008, p. 1), “propiciaram grandes mudanças na relação entre o homem e o cavalo, tornando-os cada vez mais simbólicos”. Por conseguinte, essa parceria evoluiu e ganhou novos significados. Os primeiros registros que abordam a equitação como regeneradora de saúde surgiram a partir dos estudos do grego Hipócrates (458-377 a.C.), que recomenda a prática como tratamento, sobretudo, para insônia em seu compêndio “Das Dietas”. De lá para cá, outros pesquisadores dedicaram-se ao estudo de equinos e, de tal maneira, novas e importantes descobertas foram realizadas. Em 124 a.C. Asclepiades de Prússia, médico grego, indicou a equitação para o tratamento de epilepsia e vários tipos de paralisia; em 1569 Mercurialis descreve que a prática equestre abrange importantes áreas da saúde, exercitando não só o corpo, mas também os sentidos; Samuel Theodor Quermaz de Lipsia, em 1747, fez a primeira referência ao movimento tridimensional do dorso do cavalo;

⁵ Música: Eu nasci há dez mil anos atrás
Autoria: Raul Seixas/Paulo Coelho

em 1782, Joseph C. Tissol enumerou os benefícios da equitação, mas, junto a isso, fez o primeiro registro histórico dos aspectos negativos dessa prática. (MEDEIROS; DIAS, 2008)

Indo ao encontro da evolução dessa relação, surge o que hoje conhecemos como Equoterapia, auxiliando, através da prática equestre, o desenvolvimento global de pessoas com deficiência. Assim, como relembram Fiuza; Peranzoni; Guerra (2018, p. 21) “a consolidação do emprego do cavalo nos atendimentos equoterápicos deu-se após a Primeira Guerra Mundial, com a utilização do cavalo como meio reabilitador e terapêutico de soldados com sequelas da grande batalha”. Desse modo, a prática equestre ganhou novas perspectivas, sendo o tratamento das questões de ordem mental, emocional, psíquica e cognitiva uma delas.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EQUOTERAPIA

Considera-se a equoterapia uma prática que proporciona à pessoa com necessidade especial o desenvolvimento de suas potencialidades, respeitando seus limites, visando a sua integração na sociedade, proporcionando benefícios físicos, psicológicos, educativos e sociais. (FIUZA; PERANZONI; GUERRA, 2018. p. 30)

Segundo a página virtual da ANDE-BRASIL, a Equoterapia é definida como “um método terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais⁶”.

O termo “Equoterapia” foi criado pela ANDE-BRASIL e visa atender a três objetivos: homenagear nossa língua mãe, pois o radical “equo” derivado do latim “*equus*”, significa equídeo, fazendo menção ao cavalo; homenagear o grego Hipócrates, autor do primeiro registro que recomenda a equitação como fator regenerador da saúde, pois “terapia” derivada do grego “*therapeia*”, que significa a parte da medicina que trata da aplicação de conhecimento técnico-científico no campo da reabilitação e reeducação; englobar, em escala nacional, todas as práticas equestres que utilizam o cavalo, no contexto interdisciplinar das áreas de educação, saúde e equitação, visando o desenvolvimento global e educação de seus praticantes⁷.

⁶ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA.

Disponível em: <http://equoterapia.org.br/articles/index/article_detail/142/2022>. Acesso em: 20 de jun. 2019

⁷ Idem

Após a fundação da ANDE-BRASIL, no ano de 1989, a prática equoterápica vem adquirindo espaço e reconhecimento no tratamento de pessoas com deficiência. Sendo assim, o número de profissionais que visam trabalhar com esse método terapêutico aumenta constantemente. Contudo, é preciso compreender o funcionamento, os fundamentos, práticas e objetivos propostos pela Equoterapia.

[...] a finalidade do programa e dos objetivos a serem alcançados dividem-se em duas: a primeira, com intenções médicas e com técnicas terapêuticas, visa a reabilitação; a segunda, com fins educacionais e/ou sociais e com a aplicação de técnicas psicopedagógicas, visa a integração ou reintegração sociofamiliar. (FIUZA; PERANZONI; GUERRA, 2018. p. 23)

A partir da série de benefícios trazidos pela prática da equitação, criou-se o método terapêutico conhecido por Equoterapia, que conta com profissionais graduados nas áreas de saúde (fisioterapeutas, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais), educação (psicopedagogos, pedagogos, educadores físicos) e profissionais da equitação, que não necessitam formação acadêmica, embora seja obrigatório possuírem formação no curso de equitação da ANDE-BRASIL. Estes profissionais, conhecidos como equoterapeutas, formam a equipe interdisciplinar da Equoterapia que, junto ao cavalo, atuam no tratamento de seus praticantes.

A criança em atividade equoterápica é denominada “praticante”, pois, segundo a ANDE-BRASIL, “nesta situação, o sujeito do processo participa de sua reabilitação, na medida em que interage com o cavalo⁸”. O atendimento equoterápico, que é chamado de “sessão”, ocorre uma vez por semana e tem a duração de 30 minutos. A sessão está dividida em três fases (início, meio e fim), para que o praticante estruture a noção de sucessão de acontecimentos, fundamental para a concretização da estruturação temporal. A primeira fase (início) é momento de aproximação, antecede a montaria e tem o intuito de oportunizar o enlace afetivo entre o praticante e o cavalo. Esse momento é importante, pois o primeiro contato com o cavalo, um ser altivo, grande e forte, produz um misto de atração, medo e insegurança e, para que a criança inicie sua sessão de maneira saudável, é preciso estabelecer confiança com o animal. O momento inicial pode ser concretizado por meio de atividades como alimentar o cavalo, guiá-lo e encilhá-lo. A segunda fase (meio) é o momento da montaria e destaca-se como a parte principal do atendimento, visando à realização de propostas direcionadas aos objetivos

⁸ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA.

Disponível em: < http://equoterapia.org.br/articles/index/articles_list>. Acesso em: 20 de jun. 2019

específicos de cada praticante. A terceira fase (fim) sucede a montaria e, após o praticante apear do cavalo, é preciso propor atividades que demonstrem o encerramento da sessão, como despedir-se do animal, alimentá-lo, guiá-lo para a baia e desencilhá-lo. (MEDEIROS; DIAS, 2008)

2.2 PROGRAMAS BÁSICOS DE EQUOTERAPIA

“A equoterapia possui seus princípios fundamentados na neurofisiologia, na biomecânica, na psicologia e na ciência cognitiva, atendendo uma grande diversificação de manifestações clínicas” (MEDEIROS; DIAS, 2008. p. 21). Em decorrência da diversidade de objetivos que a Equoterapia visa contemplar, bem como as diferentes demandas de seus praticantes, a abordagem equoterápica desenvolve-se a partir de quatro programas com distintas finalidades: hipoterapia, educação/reeducação, pré-esportivo e esportivo.

Como o atendimento equoterápico valoriza a individualidade de seus praticantes, os mesmos, ao chegarem à Equoterapia (através de recomendação médica), realizam uma anamnese e, a partir das informações prévias adquiridas, um plano terapêutico-pedagógico individualizado será traçado para essa criança e reavaliado periodicamente. Assim, considerando suas especificidades, potencialidades e capacidades físicas, cognitivas e mentais, os praticantes são designados para o programa adequado.

Hipoterapia: programa destinado à área de reabilitação, seus praticantes não possuem autonomia física e/ou mental para manterem-se sozinhos sobre o cavalo. Nesse programa, faz-se necessária a presença do auxiliar-guia, pessoa responsável por guiar o cavalo durante o atendimento. Enquanto o equoterapeuta deve montar junto com o praticante, destinando sua atenção apenas para ele e lhe oferecer o suporte necessário para o desenvolvimento de sua autonomia. No programa de hipoterapia, o cavalo intervém, principalmente, como instrumento cinesioterapêutico⁹.

Educação/reeducação: desenvolvido para ser aplicado tanto na área de reabilitação quanto na educação. Os praticantes desse programa possuem autonomia ou semi-autonomia na montaria, desenvolvendo habilidades para a auto condução do cavalo. No programa de educação/reeducação, o cavalo intervém, principalmente, como instrumento pedagógico.

⁹ Cinesioterapia, conhecida por “terapia do movimento” é o conjunto de atividades físicas com finalidade terapêutica que provocam uma resposta muscular do paciente à estimulação feita por meio de aparelhos específicos, massagens e, no contexto equoterápico, o cavalo.

Pré-esportivo: elaborado para o praticante que possui autonomia para conduzir sozinho o cavalo. Apesar do profissional de equitação ser o mais atuante neste programa, a orientação e o acompanhamento dos profissionais das áreas da educação e saúde são necessários. No programa pré-esportivo, o cavalo intervém, principalmente, como instrumento de inserção social.

Esportivo: programa de atividades voltadas para o preparo de seus praticantes para participações em competições esportivas. Podendo este participar de modalidades equestres que envolvam equitação e hipismo.

2.3 A EQUIPE INTERDISCIPLINAR DE EQUOTERAPIA

Com as seguintes palavras de Lima (2005. p. 18), “[...] o alicerce da Equoterapia é a equipe”, nota-se a relevância do trabalho interdisciplinar para essa área de atuação. A Equoterapia caracteriza-se por ser um método terapêutico e pedagógico que utiliza o cavalo em uma abordagem interdisciplinar. Por tal motivo, os equoterapeutas trabalham na configuração de equipes interdisciplinares que podem conter profissionais das seguintes áreas do conhecimento: saúde (fisioterapeuta, psicólogo, fonoaudiólogo e terapeuta ocupacional); educação (pedagogos, psicopedagogos e educadores físicos); equitação (instrutor de equitação).

Respeitando os critérios da ANDE-Brasil, a equipe mínima para que seja realizado o trabalho e equoterapia, é composta por profissionais habilitados, da área de saúde, educação e equitação. [...] A equoterapia por si só é uma prática interdisciplinar, sem que haja estas três áreas: saúde, educação e equitação, não estará havendo o trabalho de reabilitação. (LIMA, 2005. p. 18)

O trabalho equoterápico também conta com auxiliar-guia, responsável pelo controle do cavalo e da andadura ritmada durante as sessões; auxiliar lateral, responsável pelo suporte físico, observação da postura do praticante e participação nas atividades propostas; veterinário, responsável pelos cuidados da saúde e bem-estar dos cavalos. (MEDEIROS; DIAS, 2008)

Nessas equipes, os profissionais devem exercer um trabalho integrado, visando o desenvolvimento biopsicossocial dos praticantes. Por tal motivo, como relembra Lima (2005), o que torna a equipe interdisciplinar é justamente o fato dos profissionais atuarem em conjunto com o praticante, cada um dentro de sua abordagem específica, porém, visando os mesmos objetivos.

2.4 AS INTERFACES DO CAVALO NO TRABALHO EQUOTERÁPICO

Como destacam MEDEIROS e DIAS (2008. p. 7), para o bom desenvolvimento do trabalho equoterápico, “é de grande relevância conhecer o universo que margeia o cavalo, sabendo identificar sua constituição anatômica e seu funcionamento biomecânico, assim como compreender as particularidades quanto ao manejo ideal”. Apesar dos profissionais de educação e saúde não terem a responsabilidade do manejo com os cavalos, faz-se importante que esses desenvolvam familiaridade e noções básicas sobre os animais, visto que a interação nas sessões será direta. Para que o profissional apresente um bom desempenho na Equoterapia, também é importante atentar-se para a função que o cavalo exerce no desenvolvimento dos praticantes.

A relação homem-cavalo ganhou diversos significados desde que iniciou. Os equinos têm feito parte da história da humanidade em diversos contextos. Na Equoterapia, o cavalo recebe merecido destaque, visto que atua de maneira interdisciplinar, servindo como instrumento cinesioterapêutico, terapêutico, pedagógico e de inserção ou reinserção social.

O primeiro objetivo da Equoterapia é o de reabilitação e, nesse caso, o cavalo atua como instrumento cinesioterapêutico, auxiliando o desenvolvimento físico do praticante. Atribui-se isso ao fato do cavalo produzir um movimento tridimensional quando anda ao passo, o qual traz inúmeros benefícios para o cavaleiro. O cavalo possui três andaduras naturais: passo, trote e galope. O trote e o galope caracterizam-se por serem andaduras saltadas, ou seja, existem tempos de suspensão em que o cavalo não toca com seus membros no chão. Em consequência, são andaduras mais rápidas e bruscas, que exigem do cavaleiro mais força para poder acompanhar o animal. Por tal motivo, essas são andaduras normalmente reservadas para praticantes dos programas pré-esportivo e esportivo. O passo é a andadura utilizada na maior parte do trabalho em Equoterapia, visto que, assim como destaca Wickert (1999), o passo caracteriza-se por uma andadura marchada, pois sempre há algum membro do cavalo em contato com o solo; simétrica, pois todos os movimentos produzidos de um lado do animal se repetem no outro lado; ritmada e cadenciada em quatro tempos, entre o elevar e o pousar de um mesmo membro ouvem-se quatro batidas distintas, nítidas e compassadas.

De acordo com Wickert (1999), andando ao passo o cavalo transmite uma série de movimentos sequenciados para o cavaleiro, que produzem o movimento tridimensional, ou seja, o eixo vertical do praticante movimenta-se nos planos frontal (cima e baixo), sagital (direita e esquerda) e transversal (frente e trás). Dessa maneira, trabalha-se uma série de estímulos no praticante, tais como:

Infra-superior no eixo vertical – ao movimentar-se ao passo, o cavalo produz um movimento de flexão da coluna e o praticante é impulsionado para cima e, em seguida, para baixo, sendo estimulado duas vezes infra-superiormente em um único passo do cavalo.

Látero-lateral – ao deslocar-se, o cavalo movimenta seus membros de forma alternada e, para realizar o movimento com equilíbrio, realiza uma inflexão para o lado contrário que irá se apoiar. Esse movimento repete-se sucessivamente, dessa maneira, há deslocamentos para a esquerda e direita, repassados ao cavaleiro, que realiza o movimento completo no plano frontal.

Ântero-posterior – ao passo, o cavalo produz movimentos para frente e para trás, que se traduz nas perdas e retomadas de equilíbrio enquanto desloca seus membros de forma alternada. Tanto o cavalo quanto o cavaleiro, realizam deslocamento segundo esse princípio.

Percepção da andadura – ao andar, o ser humano locomove-se utilizando seus membros inferiores de maneira alternada, constituindo o equilíbrio. Dessa maneira, o paralelismo entre o andar humano e o andar do cavalo caracteriza-se pelo movimento tridimensional presente em ambos. Segundo MEDEIROS e DIAS (2008. p. 16), “essa semelhança favorece a construção da percepção desse movimento pelo paciente [praticante], que, em inúmeros casos, nunca teve a possibilidade de vivenciá-la”.

Ativação sensório-perceptiva – a prática equoterápica, devido a sua riqueza de estímulos, possibilita ao praticante maior autonomia na aquisição de seu aprendizado. Visto que trabalha estímulos visuais, sensoriais, sequenciais e espaciais.

Entretanto, além dos muitos benefícios físicos proporcionados pelo cavalo, o ato de montar, bem como a relação desenvolvida com o animal, também caracterizam-se como terapêuticas e pedagógicas. Visto que, ao adquirir melhora física através dos estímulos proporcionados pelo cavalo, o praticante desenvolve maior autonomia, o que tem reflexos diretos em sua motivação e autoestima, fazendo com que o mesmo siga avançando em seu desenvolvimento biopsicossocial.

[...] observa-se uma acentuada melhora na concentração e na atenção dirigidas, em que o indivíduo seleciona o que quer aprender e memorizar para posterior utilização. [...] O cavalo, com seus movimentos e sua simbologia de força e poder, proporcionou às crianças a qualificação social e pedagógica de seu comportamento motor e no repertório comportamental, maior independência, motivação e autoestima. (FUIZA, PERANZONI, GUERRA, 2018. p. 24)

Dessa maneira, percebe-se o cavalo como importante aliado no desenvolvimento de aquisições de ordem física, cognitiva, sensorial, comportamental e social significativas para os praticantes de Equoterapia.

3 UM MAIS UM É SEMPRE MAIS QUE DOIS: INTERDISCIPLINARIDADE

Vamos precisar de todo mundo
Um mais um é sempre mais que dois
Pra melhor juntar as nossas forças
É só repartir melhor o pão¹⁰

A prática equoterápica é indissociável da prática interdisciplinar. As equipes atuantes em centros de Equoterapia têm, em seus princípios norteadores e em sua formação, a interdisciplinaridade e a atitude interdisciplinar como base fundamental. Sendo assim, torna-se impossível excluir o estudo dos métodos interdisciplinares de um trabalho de pesquisa sobre Equoterapia.

De acordo com a ANDE-Brasil (1992), a equipe multidisciplinar é indispensável para o trabalho de equoterapia, pois, o ser humano é global, e o principal desafio é considerar o paciente como um todo, não como um órgão lesado; ou uma patologia definida, a ser tratada por determinado profissional. (LIMA, 2005. p. 20)

Para discutirmos sobre interdisciplinaridade, é preciso ressaltar que, na literatura em geral, o conceito desse termo é bastante amplo. Apesar de, obviamente, “interdisciplinar” ser algo que caminha entre dois ou mais ramos específicos de conhecimento, a conceituação dessa terminologia varia de acordo com os diferentes autores presentes nas diversas áreas do conhecimento.

Na Pedagogia é muito comum estudarmos sobre as abordagens interdisciplinares dentro das instituições de ensino. A formação pedagógica está, cada vez mais, voltada para a construção de profissionais capazes de exercer a atitude interdisciplinar em suas práticas docentes. Viviane Mosé, em sua participação no café filosófico¹¹ em 2013, aborda os desafios da educação contemporânea e, segundo ela, esses desafios não se localizam apenas na escola. Contudo, Mosé nos convida a refletir sobre o retrato das instituições de ensino brasileiras e percebermos a supervalorização de um saber segmentado e fragmentado. Pensando na escola como o nosso primeiro ambiente de convívio social fora do contexto familiar e, analisando

¹⁰ Música: O sal da terra

Autoria: Beto Guedes/Ronaldo Bastos

¹¹ Série de encontros onde são abordados variados temas da contemporaneidade, o programa é transmitido ao vivo, disponibilizado na rede, editado e exibido aos domingos na TV Cultura.

quantos anos de nossas vidas permanecemos lá, é inevitável perceber a influência direta e indireta da escola em nossa formação enquanto cidadãos atuantes. Sendo assim, as reflexões trazidas por Mosé sobre o funcionamento das escolas, podem ser ampliadas e pensadas em nível de sociedade, afinal, desde nossos primeiros anos escolares somos estimulados a fragmentar o conhecimento. Analisar as potencialidades das práticas interdisciplinares sem excluir a importância das especificidades presentes em cada área de conhecimento é, sem dúvida, um grande desafio. Por tal motivo, não podemos subestimar a complexidade existente não só na definição do termo “interdisciplinaridade”, como, principalmente, em sua prática.

Quando abordamos a complexidade presente no conceito de interdisciplinaridade, é possível ressaltar as muitas contribuições de Alfredo da Veiga Neto para essa temática, visto que o mesmo faz uma análise profunda e bem construída acerca dessa discussão.

Penso que ainda falta, entre nós, uma crítica que tematize, em detalhe, o quanto essa abordagem epistemológica [da interdisciplinaridade] esteve (e talvez ainda esteja...) contaminada seja por uma ótica progressista, seja por um pensamento idealista ou seja por uma compreensão de currículo e conhecimento que não toma como problemáticos os processos de organização, montagem e funcionamento dos saberes que se tornam escolarizados. (VEIGA NETO, 1994. p. 58)

O autor propõe uma problematização em relação a como a interdisciplinaridade se deu, tanto no campo literário quanto no prático. Segundo ele, o “projeto interdisciplinar” foi assumido como um remédio pedagógico para a fragmentação do conhecimento moderno. Contudo, os resultados desse método dentro das salas de aula e em outros espaços foram desanimadores pelo fato de que “a disciplinaridade dos saberes é um dos fundamentos da Modernidade” (VEIGA NETO, 1994. p. 58).

Veiga Neto traz contribuições significativas para a temática da interdisciplinaridade e, apesar destas serem voltadas para as escolas, suas palavras são um convite para analisar e expandir a crítica acerca do modelo da interdisciplinaridade para outros lugares de aprendizagem que carecem da articulação entre diferentes saberes. Para ele, é inegável a importância de discutirmos sobre esse assunto, justamente por esse motivo, é preciso se ater a uma visão que não seja demasiadamente humanista¹².

¹² Referente a humanismo; simpatizante ou adepto do humanismo filosófico; que ou aquele que é versado em humanidades.

3.1 CONTEXTO INTERDISCIPLINAR NA EQUOTERAPIA

Para a Equoterapia, a interdisciplinaridade tem papel fundamental, por isso, contextualizá-la e compreendê-la é indispensável quando abordamos esse método terapêutico. Lima (2005) traz um importante levantamento em sua pesquisa, segundo a autora, todas as informações sobre interdisciplinaridade que os profissionais de Equoterapia entrevistados tiveram foram advindas das práticas equoterápicas. Em um trabalho como a Equoterapia, que exige a interdisciplinaridade como base fundamental, é preciso ter profissionais capacitados para tal. Pesquisar, ler, estudar e debater sobre interdisciplinaridade, seus prós e contras, torna-se essencial para exercer um trabalho de qualidade. Para que a equipe interdisciplinar de Equoterapia esteja em harmonia, é preciso que seus membros adotem uma “atitude interdisciplinar”; este é um conceito que está diretamente atrelado à interdisciplinaridade. Alguns autores contextualizam e conceituam “atitude interdisciplinar” em suas bibliografias, entre eles, pode-se citar Libâneo (2014), estudioso da área da didática, que destaca esses dois conceitos (interdisciplinaridade e atitude interdisciplinar). Dessa maneira, percebe-se a interdisciplinaridade não só como uma nova maneira de abordar os conteúdos didáticos dentro de sala de aula ou como um conceito a ser compreendido, mas, também, como uma postura que deve transcender para toda a rede de apoio da criança com deficiência no atendimento equoterápico.

A atitude interdisciplinar, tal como propõe Fazenda (1994), significa não só eliminar as barreiras entre as disciplinas, mas também as barreiras entre as pessoas, de modo que os profissionais da escola busquem alternativas para se reconhecerem mais e melhor, troquem conhecimentos e experiências entre si, tenham humildade diante da limitação do próprio saber, envolvam-se e comprometam-se em projetos comuns, modifiquem seus hábitos já estabelecidos em relação à busca do conhecimento, perguntando, duvidando, dialogando consigo mesmos. Trata-se, portanto, de um modo de proceder intelectualmente, de uma prática de trabalho científico, profissional, de construção coletiva do conhecimento. (LIBÂNEO, 2014. p. 14)

Com as palavras de Libâneo, faço uma “costura” entre a área escolar e equoterápica, pois sua reflexão é voltada para as instituições de ensino. Entretanto, é possível associar o pensamento do autor com outras áreas que exigem o trabalho interdisciplinar e que envolvem aprendizagem, como a Equoterapia, por exemplo. Assim, percebe-se que a interdisciplinaridade deve estar presente não só na interação entre diferentes ciências, disciplinas escolares ou

conteúdos didáticos, mas também na postura e na atitude dos profissionais que atuam, sejam em escolas ou em centros equoterápicos.

Abordar a interdisciplinaridade no contexto equoterápico é, primeiramente, relacionar as áreas da saúde e educação para, em seguida, aliá-las à equitação e, assim, criar o ambiente terapêutico e educacional. Nesse contexto, Fazenda (2012), traz importantes colaborações que unem, através de diálogos interdisciplinares, as áreas da saúde e da educação em prol do cuidado, da cura e da educação para a paz. A autora reflete sobre o ser humano de maneira integral, ou seja, como um ser que necessita ser olhado em seu conjunto e, conseqüentemente, a sua educação está diretamente ligada com o seu bem estar, sua autoestima, suas potencialidades e limitações.

É possível que surja um diferente modelo de escola que agregue as questões levantadas no encontro dos dois campos [educação e saúde] para que o ato de cuidar se torne princípio no ato de curar e no ato de educar, não se restringindo aos espaços hospitalares onde existam (hipoteticamente) médicos que curam, enfermeiros que cuidam e onde os pacientes são colocados numa situação de *pacientes*. O mesmo pode acontecer com os educadores que só ensinam alunos *pacientes*, num ato de prendê-los em caixas desconectadas das realidades dos alunos. (FAZENDA, 2012. p. 117)

Novamente, é necessário adaptar as reflexões levantadas pela autora para o contexto da Equoterapia e, é perfeitamente possível de fazê-la. Visto que, na Equoterapia não é utilizado o termo “paciente” e sim o termo “praticante”, justamente por este ser um espaço terapêutico que acredita no cuidado de seus frequentadores como um todo. Como lembra Fazenda (2012), o ato de cuidar sofreu mudanças históricas ao longo do tempo, mais especificamente, o cuidado de pessoas com deficiência. Assim como o cuidado dessas pessoas, sua participação na sociedade também sofreu transformações, pois, com o passar do tempo, pessoas com deficiência ganharam reconhecimento tanto na sua coletividade quanto nas suas individualidades. Dessa maneira, aos poucos, estão ganhando espaço e visibilidade social para tornarem-se cidadãos ativos. Uma das finalidades do trabalho equoterápico é auxiliar essas pessoas a se desenvolverem como um todo para que, cada vez mais, possam construir e reconhecer suas identidades, tornando-se socialmente mais funcionais.

4 É CHATO CHEGAR A UM OBJETIVO NUM INSTANTE: MATERIAL EMPÍRICO E METODOLOGIA DE PESQUISA

É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo¹³

No presente capítulo, encontra-se descrita como se deu a construção empírica e metodológica da pesquisa e quais estratégias e ferramentas foram adotadas no decorrer do trabalho de campo para chegar ao resultado final. Esta parte da pesquisa está dividida em: percurso metodológico, que narra como se deu a construção teórico-metodológica na pesquisa do presente estudo; o campo, que detalha o funcionamento do local de Equoterapia escolhido para realizar as observações participantes; descrição da observação participante, que narra os momentos mais significativos da rotina vivida no centro de Equoterapia enquanto observadora participante.

4.1 PERCURSO METODOLÓGICO

A construção do presente estudo se deu, principalmente, através da interação entre a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo, pois estas foram fundamentalmente complementares uma à outra. De acordo com Gil (1988), as pesquisas podem ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual (puras) e razões de ordem prática (aplicadas). Ainda segundo o autor, seria equivocado dissociá-las e tratá-las como mutuamente excludentes como algumas correntes vêm fazendo.

Uma pesquisa sobre problemas práticos pode conduzir à descoberta de princípios científicos. Da mesma forma, uma pesquisa pura pode fornecer conhecimentos passíveis de aplicação prática imediata. (GIL, 1988, p. 20).

¹³ Música: Metamorfose ambulante
Autoria: Raul Seixas

A primeira etapa a ser vencida foi definir o enfoque do tema, pois quando relacionamos Pedagogia e Equoterapia, há muitas questões importantes em diferentes contextos viáveis de serem abordados. Podemos, por exemplo, analisar os benefícios que o tratamento equoterápico pode trazer para crianças com deficiência no ambiente escolar e, formular a pesquisa a partir desse viés foi uma opção cogitada. Entretanto, deixei a vontade de trabalhar diretamente em uma equipe de Equoterapia guiar essa escolha. Sendo assim, sabia que escolheria um enfoque que me permitisse pesquisar e formular esta pesquisa envolvida diretamente com o ambiente equoterápico. O presente trabalho também poderia, através de uma pesquisa, refletir se há lugar para atuação pedagógica na equipe interdisciplinar de Equoterapia. Contudo, segundo a ANDE-BRASIL o tratamento oferecido pela Equoterapia pode contar com profissionais da área da educação, podendo estes ser pedagogos¹⁴. Portanto, refletir se há lugar para atuação pedagógica na equipe interdisciplinar de Equoterapia seria discutir o óbvio. Sendo assim, para não elaborar um problema de pesquisa em que a resposta seria, de antemão, apenas um sim: é importante a participação de um pedagogo na equipe de Equoterapia; optei por refletir sobre como a mesma pode se dar nessa área de atuação e como a pedagoga pode desempenhar seu papel na equipe interdisciplinar. Sendo a Equoterapia um método terapêutico interdisciplinar baseado nas áreas de saúde, educação e equitação, busco, com esse trabalho, uma melhor compreensão sobre o funcionamento do pilar da educação. Mais especificamente, busco com meu problema de pesquisa, compreender:

- Que lugar a Pedagogia ocupa no atendimento equoterápico de crianças com deficiência?
- Que estratégias pedagógicas a pedagoga pode desenvolver junto à equipe interdisciplinar de Equoterapia no atendimento de crianças com deficiência?

Após a definição dos problemas de pesquisa, elenquei como objetivo geral deste trabalho:

- Analisar como os conhecimentos do campo da Pedagogia podem contribuir para o trabalho no espaço da Equoterapia.

¹⁴ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA

Disponível em: <http://equoterapia.org.br/articles/index/articles_list>. Acesso em: 16 de maio 2019

Outros objetivos, mais específicos, foram se colocando e estes são referentes aos procedimentos realizados ao longo da pesquisa para poder dar conta dos problemas elencados e alcançar o objetivo geral.

- Compreender o papel do pedagogo na equipe interdisciplinar de Equoterapia;
- Refletir sobre o lugar da Pedagogia nos atendimentos em Equoterapia para crianças com deficiência;
- Contextualizar, de maneira breve, a história da Equoterapia;
- Identificar o papel do cavalo na Equoterapia para o tratamento de crianças com deficiências;
- Definir os benefícios trazidos pelo tratamento equoterápico para as crianças com deficiências no desenvolvimento pedagógico;
- Abordar o conceito de equipe interdisciplinar e a sua respectiva importância na Equoterapia.

Num segundo momento da pesquisa, fez-se necessário iniciar a busca por bibliografia referente às noções básicas de Equoterapia visando um melhor preparo teórico-metodológico para o planejamento e organização do trabalho de campo. Com a intenção de definir a metodologia que seria adotada, busquei por leituras que pudessem agregar em conhecimentos sobre os métodos utilizados para pesquisas acadêmicas e científicas. Sendo assim, encontrei em Gil (1998) uma base introdutória à escrita deste trabalho:

O propósito deste livro é auxiliar estudantes e profissionais na elaboração de projetos de pesquisa. Embora focalize alguns aspectos teóricos que envolvem o processo de criação científica, sua preocupação central é de natureza prática. (GIL, 1988. p. 17)

Buscando um melhor embasamento para responder e refletir sobre os problemas de pesquisa, bem como cumprir, com sucesso, os objetivos, a pesquisa de campo foi a metodologia adotada. Para isso, foram selecionadas algumas ferramentas com o intuito de auxiliar na produção e análise de dados ao longo da pesquisa, sendo o diário de campo a ferramenta fundamental, visto que, este serve de base para refletir sobre a necessidade de qualquer outra estratégia utilizada. No diário de campo foram registradas e sistematizadas as informações obtidas e observações realizadas ao longo do período de campo, também constam no diário: registros das sessões com cada praticante acompanhado de uma breve reflexão sobre as

mesmas; as possíveis intervenções pedagógicas e materiais que poderiam ser utilizados; impressão pessoal de como a Pedagogia poderia contribuir para aquele espaço terapêutico. A partir de todas as anotações foram sendo traçadas as metas para a minha atuação como observadora participante no centro de Equoterapia e quais recursos ou materiais pedagógicos seriam necessários para tal.

4.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Encontrar boas leituras referentes à Equoterapia não é tarefa difícil nos dias de hoje, entretanto, esses materiais bibliográficos costumam relacionar esse método terapêutico com outras áreas de graduação, como fisioterapia, psicologia e educação física. Contudo, acredito ter feito uma boa seleção de leituras para iniciar o estudo sobre essa temática e, com isso, espero ter organizado um material de qualidade que possa ser utilizado por outros profissionais da área pedagógica que desejam imergir no trabalho equoterápico.

Em um primeiro momento, fiz uma exploração no site da ANDE-BRASIL, por acreditar que, precisava compreender as noções básicas de Equoterapia, a sua história, conceito e propósito. O site da Associação Nacional de Equoterapia traz uma rica gama de informações referentes ao assunto, visto que, além das informações disponibilizadas em sua página virtual oficial, o site também conta com um acervo de artigos acadêmicos referentes à Equoterapia com 35 publicações ao todo, sendo todas pesquisas posteriores ao ano de 2007 e, em sua grande maioria, posteriores a 2010, o que demonstra a atualidade dos textos lá indexados. Contudo, nenhum desses artigos tem a Pedagogia como eixo teórico de pesquisa, tendo este variado, principalmente, entre: fisioterapia, psicologia, e educação física. A ANDE-BRASIL também conta com uma revista de publicações nacionais, chamada Revista Brasileira de Equoterapia (RBE), que aceita contribuições relativas à Equoterapia e suas áreas de competência. Apesar da ausência de conteúdos específicos que referenciassem o papel da Pedagogia na Equoterapia, foi a partir desse material online, que consegui as primeiras e mais básicas informações necessárias para prosseguir com o estudo.

Em outro momento, com a intenção de conhecer as produções acadêmicas existentes sobre Equoterapia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), iniciei uma busca no LUME – acervo digital de documentos acadêmicos, científicos, artísticos e administrativos gerados pela UFRGS. Ao colocar a palavra “Equoterapia” na área de pesquisa do site, apareceram 76 resultados, sem usar nenhum tipo de filtro (ano, autor, assunto etc.), com datas

de publicação entre 2000 a 2019. Essas publicações eram, em sua maioria, dissertações; teses; trabalhos de conclusão; resumo publicado em evento. Entretanto, as produções relacionadas à Equoterapia fugiam muito da temática desta pesquisa, pois eram materiais teóricos que relacionavam a Equoterapia com outros contextos que não o da Pedagogia. Os que englobavam a área da educação, em sua grande maioria, relacionavam a Equoterapia com a Educação Física. Sendo assim, a busca por materiais que pudessem me fazer compreender, de maneira mais específica, o que é Equoterapia e qual o espaço da educação dentro desse método terapêutico, continuou em outros *sites* de buscas *online*. Meu conhecimento referente ao tema ainda era vago e, por tal motivo, não sabia quais eram as grandes referências no âmbito equoterápico e nem quais autores poderia utilizar. Dessa maneira, investi no *site* de pesquisas *Google* fazendo a busca por palavras-chave como: “Equoterapia”, “Pedagogia na Equoterapia”, “Equoterapia e educação”, “profissionais de educação na Equoterapia”, “interdisciplinaridade na Equoterapia”. Considerando a ausência de materiais semelhantes ao que queria elaborar, essa pesquisa precisaria ser construída em cima de uma busca mais ampla de referenciais bibliográficos e, esses juntos, me levariam ao objetivo de localizar trabalhos pertinentes a minha pesquisa.

Através do *site* de pesquisas *Google*, encontrei materiais que julguei adequados para dar início à construção teórica. A maioria desses achados foram produções acadêmicas, tais como trabalhos de conclusão graduação, mestrado e especialização. Nessas leituras, pude me instrumentalizar teoricamente para refletir sobre como a equipe interdisciplinar pode pensar o atendimento para cada praticante de Equoterapia, de acordo com suas necessidades individuais.

Cada praticante tem um aspecto de singularidade de caso, por esta razão há a necessidade de pormenorizar os atendimentos em função das necessidades e potencialidades de cada um, assim para cada praticante há um objetivo específico para que se venha a ter resultados a médio e longo prazo, pois os fins de cada programa terão sempre duas prioridades: a primeira com intenções terapêuticas, com o intuito a reabilitação e depois com fins educativos ou sociais, com fim na inserção social. (BEZERRA; CARVALHO; BARBOSA, 2011. p. 19).

Eu buscava por referenciais que trouxessem de maneira mais objetiva e didática o método terapêutico que se propõem a Equoterapia. Para isso, iniciei uma pesquisa reversa, ou seja, garimpei nas referências dos materiais que já havia selecionado para leitura, os autores mais citados e que pareciam ser as referências centrais dentro do tema. De tal maneira, fui aprofundando-me na busca por materiais teóricos e selecionando as bibliografias que seriam utilizadas para a construção desta pesquisa. Esse método de pesquisa foi de grande valia na

minha busca por referenciais teóricos, pois, desse modo, encontrei a maioria dos materiais utilizados para a construção desta pesquisa.

4.3 O CAMPO

A pesquisa de campo iniciou-se pela escolha do centro de Equoterapia, na cidade de Porto Alegre – RS em que ocorreram as observações. A identificação do local, bem como a de seus proprietários, funcionários e frequentadores serão preservadas. Sendo assim, serão utilizados nomes fictícios inspirados em nomes populares da flora nativa do estado do Rio Grande do Sul para todos que forem citados ao longo do trabalho.

Em um primeiro momento, foi realizada uma reunião com uma das fisioterapeutas responsáveis pelo centro de Equoterapia (a mesma será chamada de Pitanga), com o objetivo de apresentar a proposta inicial do presente trabalho e, conjuntamente, encontrar a maneira mais adequada e produtiva de prosseguir com a pesquisa de campo. Nessa reunião, que ocorreu numa sexta-feira, 22 de março de 2019, ficou definido que o centro de Equoterapia de Pitanga entraria como parceiro para a elaboração da pesquisa, porém, ainda seria necessário pensar como. Para isso, fiz a minha primeira visita ao local no dia seguinte pela manhã de 23 de março de 2019, a fim de conhecer o espaço e de que maneira este está organizado, seus frequentadores, suas respectivas rotinas na Equoterapia e definir de que maneira a pesquisa seria conduzida. Em comum acordo com os responsáveis pelo centro, foi decidido que os momentos de observação ocorreriam aos sábados no turno da manhã, visto que este é o dia da semana em que mais há praticantes a serem observados. Ocorrem em torno de três sessões a cada 30 minutos, ou seja, ao longo das manhãs de sábado, circulam pelo centro de equoterapia em média de 20-25 crianças com deficiência. Ficou decidido, também, que as observações seriam de cunho participativo, ou seja, eu poderia acompanhar as sessões de alguns praticantes e colaborar pedagogicamente ao longo das mesmas.

O “observador como participante” é um papel em que a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são revelados ao grupo pesquisado desde o início. Nessa posição, o pesquisador pode ter acesso a uma gama variada de informações, até mesmo confidenciais, pedindo cooperação ao grupo. Contudo, terá em geral que aceitar o controle do grupo sobre o que será ou não tornado público pela pesquisa. (LÜDKE; ANDRÉ, 2014. p. 34)

Através do referencial teórico-metodológico, foi possível delinear o que seria feito no campo da pesquisa, quais aspectos requeriam maior atenção, quais informações seriam

necessárias para a composição e contextualização da pesquisa etc. Para compor a elaboração desse estudo, foram adotados os pressupostos da pesquisa de campo, elencando entre as ferramentas possíveis dentro desta proposta: a observação participante.

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. (GIL, 1988. p. 19)

Com o embasamento teórico necessário e os primeiros detalhes acertados com os responsáveis pelo centro, iniciaram-se as observações participantes, ao longo dos sábados nos meses de março, abril, maio e junho, das 8h30min às 12h30min. Os três primeiros sábados foram de observação para apropriação da dinâmica do espaço e para travar uma relação mais próxima com as crianças atendidas. Acompanhava, normalmente, sete sessões de alguns praticantes, sempre indicadas pelos responsáveis do centro. Aos poucos, fui me familiarizando com o local, sua rotina, funcionários e com as crianças.

A cada sábado acompanhava, em média, de quatro a sete crianças, esse número variava de acordo com a demanda de cada manhã. Essas crianças tinham diferentes tipos de deficiência, sendo as mais comuns: Transtorno do Espectro Autista, síndrome de Down, epilepsia e paralisia cerebral. As crianças observadas encontravam-se em três dos quatro diferentes programas de Equoterapia: hipoterapia, educação/reeducação e Pré-Esportivo.

Atualmente, a equoterapia no Brasil dispõe de quatro programas básicos classificados pela Ande-Brasil de acordo com os propósitos a serem alcançados e com as capacidades físicas e mentais do praticante. São eles: hipoterapia, educação/reeducação, Pré-Esportivo e prática esportiva para equestre. (FIUZA; PERANZONI; GUERRA, 2018. p. 27)

As sessões acompanhadas ao longo dos três meses de observação foram indicadas a fim de que o trabalho da pedagoga, bem como os recursos pedagógicos, contribuíssem para minimização das dificuldades de aprendizagem e o desenvolvimento do praticante como um todo, principalmente visando à integração ou reintegração sociofamiliar. Dessa maneira, iniciei os acompanhamentos de forma discreta, apenas visando conhecer e criar vínculo de afetividade com os praticantes. Ao longo das sessões, avancei com o trabalho pedagógico, realizando, primeiramente, atividades diagnósticas para decidir quais estratégias seriam utilizadas para cada criança. Assim, foi possível constatar entre as crianças:

- Quais praticantes reconheciam as cores e quais cores reconheciam;
- Quais praticantes conheciam o sistema alfabético;
- Quais praticantes estavam em processo de alfabetização e em que níveis encontravam-se;
- Quais praticantes conheciam os outros animais presentes no ambiente da Equoterapia e seus respectivos sons;
- Quais praticantes localizavam-se no tempo e espaço;
- Quais praticantes reconheciam números;
- Quais praticantes quantificavam.

Nas primeiras três sessões, procurei realizar esses diagnósticos com recursos já existentes no local, fossem eles naturais (campo, clima e animais) ou elaborados pela equipe interdisciplinar do centro de Equoterapia (atividades com bola e cone). Utilizei, em diversos momentos, o cavalo como um recurso, abordando questões sobre: encilha, características físicas, som que emite, alimentação, rotina, trabalho na Equoterapia, força etc. Para as sessões seguintes, levei materiais pedagógicos que poderiam auxiliar as crianças, tais como: letras e números em EVA, pequenas bolas de diferentes cores, diversos bonecos, peteca, avental para contação de história, livros, dado de pelúcia, cartas e materiais que contemplassem diferentes estímulos e texturas.

O centro de Equoterapia é de propriedade de um casal de fisioterapeutas atuante nos atendimentos, a equipe também conta com uma profissional de equitação, dois auxiliares-guia e uma estagiária de fisioterapia.

Quadro 1 - Equipe Interdisciplinar da Equoterapia

EQUIPE INTERDISCIPLINAR DA EQUOTERAPIA		
Pseudônimo	Formação profissional/ Atuação na equipe interdisciplinar	Tempo de trabalho no centro de Equoterapia
Pitanga	Fisioterapeuta	Dezesseis anos
Timbó	Fisioterapeuta	Dezesseis anos
Maricá	Instrutora de equitação	Quatorze anos
Guazuma	Estagiária de fisioterapia	Dois meses
Tanheiro	Auxiliar guia	Quatro anos
Jaborandi	Auxiliar guia	Três meses

Fonte: Elaborado pelo autor.

No quadro 2 abaixo, seguem os nomes fictícios adotados para cada praticante observado e algumas informações relevantes a cerca dos mesmos. Foram descritas as sete crianças que mais tive contato durante a fase de observação participante. Ao longo desse período, minha atuação na Equoterapia tendeu, significativamente, para uma parceria formada com a instrutora de equitação nas sessões de três crianças em específico, do programa educação/reeducação equestre, são elas: Buriti, Umbu e Figueira. Esses atendimentos terapêuticos eram divididos em exercícios de equitação e propostas pedagógicas.

Quadro 2 - Praticantes de Equoterapia Observados

PRATICANTES DE EQUOTERAPIA OBSERVADOS			
Pseudônimo	Idade	Deficiência	Breve descrição
Buriti	14	Síndrome de Down	Menino comunicativo e extrovertido. Porém, demonstra imaturidade para lidar com as responsabilidades condizentes à sua idade. Faz parte do programa educação/reeducação equestre da Equoterapia.
Alecrim	3	Transtorno do Espectro Autista	Menino comunicativo e extrovertido. Interage com a equipe interdisciplinar de maneira satisfatória ao longo das sessões, responde as perguntas que lhe são feitas e já começa a relatar situações observadas, como falar espontaneamente quais são os outros animais que enxerga no campo, por exemplo. Faz parte do programa educação/ reeducação equestre da Equoterapia.
Primavera	8	Epilepsia	Menina muito afetuosa, porém, cautelosa. Não oralizada e apresenta questões motoras, principalmente no tônus muscular. Faz parte do programa de hipoterapia da Equoterapia.
Umbu	10	Transtorno do Espectro Autista	Menino extrovertido e comunicativo. Demonstra ansiedade e pouca flexibilidade para as questões cotidianas. Contudo, isso está sendo trabalhado em suas sessões equoterápicas a fim de que ele consiga manter relações com amigos e familiares de forma mais saudável. Faz parte do programa educação/reeducação equestre da Equoterapia.
Figueira	14	Síndrome de Down	Menina extremamente comunicativa e extrovertida. Procura criar diálogos com todos os outros frequentadores do centro. Em suas sessões, demonstra retração quando tento realizar alguma proposta pedagógica relacionada à alfabetização, também apresenta dispersão quando recebe alguma orientação específica, como nos exercícios de equitação. Faz parte do programa educação/reeducação equestre da Equoterapia.
Jaboticaba	6	Paralisia Cerebral	Menina afetuosa. Não oralizada, apresenta questões físicas; caminha apenas com auxílio. Aos poucos está começando a montar sozinha; adora trotar. Faz parte do programa de hipoterapia da Equoterapia.

Uvaia	3	Transtorno do Espectro Autista	Menina de personalidade forte. Oralizada, porém ainda se comunica com poucas palavras. Demonstra resistência em montar, por tal motivo, suas sessões também são focadas para que a menina desenvolva, cada vez mais, o interesse pelo cavalo. Faz parte do programa de educação/reeducação equestre da Equoterapia.
-------	---	--------------------------------	---

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.4 DESCRIÇÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

23/03/2019 – Recordo o meu primeiro contato com o centro equoterápico fazendo uma breve descrição do local: a Equoterapia fica em uma pequena cabanha¹⁵ localizada na zona sul do município de Porto Alegre – RS, na região conhecida como “Caminhos rurais”. Ao entrar pela porteira, é possível visualizar o espaço destinado para o centro a direita, este espaço conta com: um local de socialização, com algumas cadeiras e bancos para os familiares e visitantes; um pequeno local coberto que tem como finalidade o treinamento e doma de equinos, contudo também é utilizado para as sessões equoterápicas em dias de chuva, visto que a Equoterapia ainda não conta com um picadeiro; uma pista de areia; um bom espaço ao ar livre para circulação com os cavalos ao longo das sessões; rampa para auxiliar a montaria dos praticantes e baia para os cavalos. Tão logo cheguei ao local, já fui chamada pela Pitanga para ir ao seu encontro, ela estava em sessão com um praticante do programa de hipoterapia. Acompanhei a sessão enquanto conversamos brevemente sobre o funcionamento da Equoterapia, o que eu faria no decorrer dos dias de observação e quais praticantes seriam mais adequados para eu observar. Na sequência, acompanhei todas as outras sessões em que a Pitanga trabalhou, comecei a me familiarizar com o percurso que se costuma fazer com os praticantes, as interações que são feitas com cada um e, também, tive a oportunidade de expor algumas ideias de intervenções. Nesse primeiro momento, consegui realizar algumas observações importantes acerca do espaço, organização, praticantes, profissionais e rotina do local. Após o término das sessões, fui apresentada para o restante da equipe interdisciplinar.

¹⁵ Fazenda especializada na criação e manutenção de gado reprodutor ovino e caprino, com métodos e pastos adequados a cada espécie e instalações próprias para assegurar higiene e descanso aos animais.

30/03/2019 – Oficialmente, esse foi o meu primeiro dia na equipe interdisciplinar da Equoterapia, cheguei ao local às 8h30min e, prontamente, iniciei o acompanhamento das sessões. Logo no primeiro atendimento ocorreu uma situação delicada: desconhecia o diagnóstico do menino, mas percebia nele questões físicas e cognitivas significativas. A criança recusava-se a montar no cavalo, queria apenas ficar brincando. Para que ele não perdesse seu horário e/ou não atrasasse as outras sessões, muitas pessoas tentaram fazê-lo montar e utilizaram diferentes abordagens para isso, inclusive sua mãe, que nitidamente estava incomodada com a situação. Por fim, Pitanga colocou-o a contragosto em cima do cavalo e logo o menino conformou-se, fazendo bom proveito da sessão. Entretanto, é importante compreender (centralmente as famílias) que não estar em cima do cavalo todo o tempo do atendimento, principalmente no período de adaptação, também é terapêutico e pode ser uma estratégia necessária, em alguns casos, até a criança perder o medo do cavalo ou sentir confiança na equipe para responder aos combinados.

Na sequência, Timbó solicitou que eu acompanhasse Buriti em sua sessão. Em decorrência de o menino transitar entre os programas educação/reeducação e pré-esportivo, guia o cavalo com relativa autonomia. Já o conheço há alguns anos, pois este estuda no mesmo colégio em que trabalho, por tal motivo, nossa sessão foi bastante proveitosa. Conversamos muito sobre como estão suas atitudes na escola, dentro da sala de aula, com os colegas e professores e sobre os desafios do novo ano letivo e da adolescência. A próxima sessão foi com o Alecrim e, além de mim, a sessão foi acompanhada pelo auxiliar guia Tanheiro e pela estagiária de fisioterapia Guazuma. Este atendimento também foi bastante proveitoso, conseguimos explorar questões relevantes com o menino, tais como: cores, animais, encilha do cavalo e houve bastante interação da parte de Alecrim, visto que, o menino respondia a todas as perguntas que fazíamos e manteve um diálogo satisfatório conosco. Por último, acompanhei o atendimento da Uvaia, sua sessão foi conduzida pela Pitanga e também contou com o Tanheiro guiando o cavalo. Ao longo dessa meia hora, jogamos bola, cantamos e conversamos. Uvaia mostrou-se alegre e interessada nas propostas ao longo da sessão.

06/04/2019 – Nessa semana, iniciei o acompanhamento do Umbu, um menino muito inteligente e comunicativo. Sua sessão foi conduzida por mim e pela Maricá (instrutora de equitação) e, juntas, utilizamos os 30 minutos da sessão para que eu pudesse me apresentar e iniciar um processo de aproximação do menino e para atividades de equitação, propostas por Maricá. A sessão seguinte foi a do Buriti e, novamente, foi acompanhada por mim e pela Maricá, seguimos a mesma linha de propostas trazidas na sessão anterior, visto que, Buriti

possui nível de autonomia semelhante ao de Umbu. No fim da manhã, acompanhei a sessão da Jabuticaba, que monta a cavalo junto com a Pitanga, visto que a menina, frequentadora do programa de hipoterapia, ainda não possui autonomia para montar sozinha. Ao longo da sessão, procuro conversar com ela que, apesar de não falar, interage com reações e expressões faciais. No final dessa manhã (ainda no atendimento da Jabuticaba), começou a chover enquanto estávamos no campo, Pitanga encaminhou-se com a Jabuticaba para o pequeno local coberto, o cavalo estava trotando e a menina adorou.

13/04/2019 – Esse foi o último sábado antes do feriado de Páscoa e, por tal motivo, Pitanga e Timbó prepararam uma atividade especial para os praticantes. A atividade era “caça ao ninho”, consistia em ler as pistas que estavam espalhadas pelo campo até, finalmente, a criança encontrar o ninho de chocolates. Ao longo dessa manhã, as sessões se apresentaram de maneira mais organizada, visto que já havia uma proposta previamente planejada. Acompanhei as sessões de Figueira, Umbu, Uvaia e Jacobina. No atendimento de Figueira, percebi que a menina encontra-se em processo de alfabetização, porém, através de atividades diagnósticas, analisei que ela ainda não reconhece todas as letras e confunde algumas. A sessão de Umbu também foi bastante interessante, visto que intercalamos os desafios pedagógicos (ler e interpretar as pistas da caça ao ninho) com os exercícios de equitação (entre uma pista e outra, foi solicitado que Umbu guiasse o cavalo sozinho) e, para isso, precisou ter muita concentração. Nas sessões da Uvaia e da Jacobina, acompanhei a Pitanga, li as pistas para as praticantes e procurei estimulá-las através do diálogo a achar o ninho de chocolates.

04/05/2019 – Em decorrência do feriado de Páscoa e de forte chuva no sábado seguinte, os atendimentos do final de semana foram interrompidos por três semanas. Em nosso retorno, utilizei, pela primeira vez, materiais pedagógicos; levei para o centro um alfabeto em EVA, pequenas bolas coloridas, peteca, boneca de pelúcia, bonecos no palito, dado de pelúcia e avental de contação de história. Na sessão da Figueira, contei-lhe uma história lúdica sobre o alfabeto chamada “A magia do alfabeto¹⁶”, na internet há várias versões. Na sequência, conversamos brevemente sobre a ordem dos acontecimentos na história. Contudo, notei que a menina se retraiu muito quando tentei introduzir assuntos referentes à alfabetização. No restante de sua sessão, que também foi conduzida pela Maricá, Figueira realizou alguns exercícios de

¹⁶. A história conta que há dois reinos governados por duas fadas: o reino das letras (fada rosa) e o dos números (fada azul). As letras fugiram em uma noite de tempestade para visitar os números e enfrentaram grandes desafios no caminho. Algumas letras permaneceram no castelo, como havia solicitado a fada rosa e, ao descobrir, a fada decretou que as letras que fugiram (consoantes) só poderiam passear na companhia das que obedeceram (vogais).

equitação. Com o Umbu, conversamos sobre a sua resistência em querer realizar a sessão, visto que o menino constantemente pede para ir embora. Fizemos a combinação de que conversaríamos sobre assuntos que fossem de seu interesse e que cronometrariamos o tempo de sua sessão. Sendo assim, ele deveria tentar não pedir mais para ir embora e sim perguntar o horário.

11/05/2019 – Pela primeira vez os atendimentos iniciaram com chuva forte, por conta disso, as sessões ocorreram no local coberto e, foi possível realizar apenas dois atendimentos por vez, em decorrência do espaço ser muito pequeno. O primeiro atendimento que acompanhei foi o da Figueira, tentei explorar o alfabeto com ela, contudo, novamente a menina demonstrou-se retraída. Na sequência, retomei com ela a história do alfabeto trabalhada na sessão anterior e Figueira precisou de auxílio para lembrar a ordem dos acontecimentos. No último horário da manhã, quando a chuva já havia cessado, acompanhei, junto com o restante da equipe interdisciplinar (liderada, nesse momento, pelo Timbó) uma dinâmica do programa pré-esportivo com um grupo de quatro meninas de, aproximadamente oito anos, que frequentam o centro. Timbó propôs vários exercícios de equitação, como circuitos em zigue-zague, trotar e outras atividades que exigiram das crianças saber guiar o cavalo e a equipe interdisciplinar apenas precisou supervisioná-las e auxiliá-las.

18/05/2019 – A manhã foi bastante tranquila, o clima estava ótimo, mas, por razões desconhecidas, muitas crianças faltaram. Como de costume, acompanhei apenas a sessão da Figueira, juntamente com Maricá. Levei um livro infantil da coleção Charlie e Lola chamado “Eu nunca vou comer um tomate”¹⁷ para contar-lhe a história. Figueira adorou, demonstrou interesse e interagiu no decorrer da história. Na sequência, Maricá propôs alguns exercícios de equitação na última parte da sessão. No final dessa manhã, ao conversar com Pitanga sobre o andamento do meu trabalho no centro, a mesma solicitou que eu investisse na contação de histórias e em propostas com mais ludicidade.

25/05/2019 – Nossa manhã foi bem movimentada, o dia estava bonito e todos os praticantes compareceram para os atendimentos. Iniciei a minha participação pelo atendimento da Figueira e, assim como já estava fazendo em suas últimas sessões, trabalhei sequência lógica com ela, o fiz através de uma história infantil chamada “Este livro comeu meu cão”¹⁸. Procuo organizar com Figueira a ordem em que os fatos ocorrem; a ordem em que os personagens

¹⁷ CHILD, Lauren et al. Eu nunca vou comer um tomate. 2012.

¹⁸ BYRNE, Richard. Este livro comeu meu cão. 2014.

aparecem na história; personagem principal; início, meio e fim. Na sessão de Umbu, novamente realizada junto com a Maricá, procuro manter um diálogo consistente sobre sua rotina, a escola, atividades extraescolares, entre outras coisas. No restante da manhã, participei de outras sessões auxiliando Pitanga e Timbó.

08/06/2019 – Este foi meu último dia como observadora participante na Equoterapia, por motivos profissionais, precisei me ausentar antes do esperado. Contudo, o período que me foi permitido estar na equipe interdisciplinar, foi suficiente para adquirir experiência necessária para a construção desta pesquisa. Iniciei a manhã pelo atendimento da Figueira, porém, Maricá também precisou ausentar-se de suas funções por questões de saúde. Sendo assim, foi solicitado que Jaborandi guiasse o cavalo da menina e eu realizei seu atendimento. Neste dia, trabalhamos sequência lógica através de uma música do grupo Palavra Cantada chamada “Rato¹⁹”, escutamos a música juntas e, em seguida, fiz algumas intervenções com ela para que conseguisse perceber a ordem em que os fatos ocorrem na música. Perguntei-lhe quem era o personagem principal, em qual ordem os personagens apareceram, qual era o enredo da música, como acabou a história da música etc. Os atendimentos de Buriti e Umbu ficaram no mesmo horário esta amanhã, sendo assim, consegui acompanhar apenas o Umbu. Novamente, Jaborandi guiou o cavalo enquanto eu realizava as intervenções na sessão do menino. Conversamos sobre a escola, família e amigos, procuro sempre manter a sessão agradável para ele, pois sua tolerância com o momento equoterápico tende a ser curta. No último horário da manhã, acompanhei novamente as meninas apresentadas no dia 11 de maio, praticantes do programa pré-esportivo. Desta vez, fui com Tanheiro e, juntos, propomos algumas atividades de equitação já determinadas por Timbó, tais como: elevações, trote, movimentos de zigue-zague etc. No restante do horário, supervisionamos o passeio a cavalo das meninas.

¹⁹ Música: Rato. Intérprete: Palavra cantada Compositores: Paulo Tatit e Edith Derdyk

5 A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DE CAMPO

Eu fico com a pureza
 Da resposta das crianças
 É a vida, é bonita
 E é bonita
 Viver
 E não ter a vergonha
 De ser feliz
 Cantar e cantar e cantar
 A beleza de ser
 Um eterno aprendiz²⁰

O presente capítulo traz as análises e interpretações dos dados obtidos ao longo da pesquisa de campo a fim de responder aos seguintes problemas de pesquisa:

- Que lugar a Pedagogia ocupa no atendimento equoterápico de crianças com deficiência?
- Que estratégias pedagógicas a pedagoga pode desenvolver junto à equipe interdisciplinar de Equoterapia no atendimento de crianças com deficiência?

Finalizei o campo com uma gama expressiva de material empírico que, aliado aos estudos teórico-metodológicos, certamente deu conta dos objetivos propostos. As reflexões foram construídas e organizadas a partir de cinco eixos de análises, sendo eles: crianças observadas, a interdisciplinaridade, a Pedagogia na Equoterapia, desafios encontrados e recursos pedagógicos. Seguem, abaixo, análises feitas a partir de cada um dos eixos citados.

5.1 CRIANÇAS OBSERVADAS

Ao longo do período de campo tive a oportunidade de observar muitos praticantes em suas sessões, contudo, responsabilizei-me, junto à Maricá, pelo atendimento de três crianças que transitam entre os programas educação/reeducação equestre e pré-esportivo. Maricá e eu fazíamos os atendimentos desses praticantes em parceria. Nessas sessões, Maricá acompanhava

²⁰ Música: O que é, o que é?

Autoria: Gonzaguinha

a cavalo e eu caminhava ao lado do praticante. Dividíamos o tempo estipulado para as sessões em estratégias pedagógicas e atividades de equitação.

Quadro 3 - Praticantes Acompanhados

PRATICANTES ACOMPANHADOS		
Nome	Idade	Deficiência
Buriti	14	Síndrome de Down
Figueira	14	Síndrome de Down
Umbu	10	Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como é possível observar na tabela, atendíamos duas crianças com síndrome de Down e uma criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Os objetivos eram distintos para cada uma delas, Figueira e Buriti, apesar de terem a mesma síndrome e a mesma idade, apresentavam diferenças significativas no processo de aquisição da aprendizagem. Essas diferenças existentes entre esses dois casos devem-se a uma série de fatores, dentre eles: estímulos sociais, cognitivos e pedagógicos diferentes recebidos ao longo da vida e diferença no nível do *déficit* cognitivo. Este nível pode variar de leve a moderado. (SAMPAIO; FREITAS, 2014)

Devido ao curto espaço de tempo destinado para a pesquisa, não foi possível confeccionar e testar materiais pedagógicos, pois antes de realizar intervenções planejadas utilizando recursos, se faz necessário conhecer os praticantes. Dessa maneira, a minha atuação enquanto observadora participante teve como foco principal a criação do vínculo com as crianças, para poder conhecê-las e compreendê-las, bem como o acompanhamento de suas sessões. Assim, foi possível refletir sobre recursos pedagógicos que a/o profissional de Pedagogia pode utilizar no âmbito equoterápico. Participar das sessões trouxe-me ricas vivências, as quais me permitiram compreender como a Pedagogia pode colaborar na equipe interdisciplinar de Equoterapia para o desenvolvimento do praticante.

Buriti tem 14 anos e está no 6º ano escolar. É um adolescente que foi muito bem assistido desde seus primeiros anos de vida, contando com o acompanhamento de uma equipe interdisciplinar em diversos atendimentos com diferentes especialistas como: psicólogo, psiquiatra, fonoaudiólogo, psicopedagoga, equoterapeuta, entre outros. O menino, apesar de demonstrar ter a idade cronológica diferente da idade funcional (característica da síndrome),

consegue acompanhar (com adaptações) o conteúdo proposto para sua turma. Em suas sessões, eu participava através de diálogos e o auxiliando a realizar os exercícios solicitados por Maricá. A instrutora de equitação solicitava que Buriti realizasse uma série de exercícios de equitação, alguns exemplos das atividades solicitadas pela instrutora de equitação são: elevações, o praticante deve apoiar os pés no estribo e sustentar o peso do corpo com os membros inferiores, mantendo a postura ereta; guiar o cavalo autonomamente, o praticante deve guiar o equino ao passo ou ao trote e, por vezes, fazendo movimentos determinados como zigue-zague; montar em diferentes posições, o praticante deve montar voltado para frente, esquerda, direita e traseira do cavalo. Em meus diálogos com Buriti, procurava abordar assuntos sobre o colégio, os conteúdos escolares, sua relação com os colegas e amigos e sua entrada na adolescência. Buriti estuda na mesma escola em que leciono, por tal motivo, sei que o menino possui uma boa relação com os colegas. Contudo, existem críticas referentes à sua imaturidade e à sua ecolalia, pois o menino repete frases e expressões de maneira inapropriada e descontextualizada. Segundo o Dr. Clay Brites²¹, neurologista infantil, a ecolalia pode ser definida como um distúrbio de desenvolvimento da fala e da linguagem em que a pessoa repete a própria fala ou a fala de um interlocutor. Isso faz com que ela não dê continuidade a diálogos, atrapalhando na reciprocidade do contato social e, dessa maneira, a criança passa a ter dificuldade de entrar em contextos diferentes. Apesar das queixas advirem de comportamentos esperados de sua síndrome, é possível que, através de estímulos e terapias, eles sejam minimizados. Ainda de acordo com Dr. Clay Brites, a ecolalia é um problema de linguagem que necessita intervenções, tais como: não reforçar ou enfatizar a repetição, estimular atividades sociais e lúdicas e adicionar palavras novas em seu vocabulário. Dessa maneira é possível, aos poucos, reduzir a ecolalia. Por tal motivo, enquanto equoterapeuta, procurava estabelecer diálogos coerentes e diversificados com o menino, auxiliando-o a refletir em como poderia repensar e reformular algumas frases. Em casos de crianças com síndrome de Down, o estímulo contínuo é de extrema importância, pois foi comprovado que, nessa síndrome, o cérebro amadurece constantemente.

Uma das maiores descobertas, no entanto, é que o cérebro de uma criança com síndrome de Down amadurece continuamente. Há melhoras progressivas principalmente quando estimulada, quando levada a pensar, expressar-se, descobrir soluções. (SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 206)

²¹ Informação obtida através do canal Neuro Saber. 2017 no site *YouTube*
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EfPR6D6Sbtw&t=40s>>. Acesso em: 26 Jun. 2019

Em diversos momentos, Buriti trouxe relatos sobre uma menina da escola de quem ele disse que gosta, dizendo que iria casar-se com ela. Neste momento eu procurava fazer questionamentos como:

- Ela sabe que tu gostas dela?
- Ela também gosta de ti?
- Para casar é preciso ser adulto. O que tu achas que precisa aprender antes disso?

Dessa maneira, sempre que Buriti trazia algum assunto para conversarmos, eu o estimulava a pensar em situações que ele ainda não havia refletido.

Ao final do período de campo, ressalto algumas questões referentes ao acompanhamento de Buriti: Acredito que o trabalho pedagógico desenvolvido com o menino no ambiente equoterápico pode auxiliá-lo de diversas maneiras em seu desenvolvimento. Seria necessário estruturar um planejamento individualizado, traçando objetivos que atendam as suas potencialidades e especificidades. Buriti é um menino comunicativo que adora adquirir novas aprendizagens e não apresenta intolerância a frustrações, dessa maneira, poderia investir-se em atividades lúdicas e desafiadoras, que auxiliassem Buriti em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Isso poderia ser realizado através de jogos que exigissem leituras de palavras novas, assim, estaria ocorrendo a intervenção na ecolalia e a aquisição de novas palavras ao vocabulário. Também poderiam ser propostos desafios como o “caça ao ninho” realizado na Páscoa, em que havia pistas espalhadas pelo percurso, contudo, poderiam ser elaboradas pistas referentes à outra temática. Através de imagens, seria possível trabalhar com jogos que estimulassem sequência lógica, memória e tantas outras questões. As possibilidades com Buriti são variadas e acredito que poderia ser desenvolvido um trabalho pedagógico de qualidade que, atrelado à atuação interdisciplinar da equipe equoterápica, o estimulasse em aquisições cognitivas, sociais e comportamentais.

Figueira tem 14 anos e está no 5º ano escolar. Diferentemente de Buriti, a menina não acompanha as atividades propostas para a sua turma e ainda não está alfabetizada. Figueira demonstra ter um *deficit* cognitivo maior que o de Buriti. Também é válido ressaltar que a menina possui menos acesso a diferentes atendimentos e acompanhamentos e, conseqüentemente, recebe menos estímulos.

A aprendizagem é realizada com sucesso se as capacidades de assimilação, reorganização e acomodação estiverem íntegras, assim vão se dando as aquisições ao longo do tempo. [...] A pessoa com síndrome de Down possui certa dificuldade de

aprendizagem, que, na maioria dos casos, são dificuldades generalizadas, que afetam todas as capacidades: Linguagem, Autonomia, Motricidade e Integração social. Estas podem se manifestar em maior ou menor grau. (SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 208).

Assim, é possível compreender que as dificuldades de aprendizagem afetam, em geral, todas as capacidades de crianças com síndrome de Down, entretanto, a intensidade com que irá ocorrer esse comprometimento dependerá do *déficit* cognitivo de cada pessoa. Esse *déficit* pode ser amenizado de acordo com as intervenções e tratamentos que essas crianças recebem ao longo de suas vidas.

Nos atendimentos de Figueira, fez parte do meu processo de aprendizagem compreender que meu objetivo não era o de alfabetizá-la. Assim, foi preciso desconstruir a visão escolar que eu carregava enquanto (quase) pedagoga. Em um primeiro momento, realizei atividades diagnósticas para saber em qual nível de alfabetização Figueira encontrava-se. Realizei essa proposta no dia da trilha de Páscoa, pois havia algumas pistas escritas espalhadas pelo circuito. Sendo assim, procurei analisar qual era o domínio que Figueira possuía do sistema alfabético. Ao constatar que a menina não reconhecia todas as letras e, conseqüentemente, não conseguia ler palavras simples, iniciei minhas sessões com ela levando letras em EVA e algumas imagens, com o intuito de que Figueira associasse a letra inicial com a imagem da palavra. Contudo, a menina demonstrou-se retraída à minha proposta e, após uma conversa com Pitanga, percebi que precisaria mudar a abordagem.

O ensino para crianças especiais deve ocorrer de forma sistemática e organizada, não sendo teórico e metódico e sim ocorrer de forma agradável e que desperte interesse. [...] O atendimento a crianças com síndrome de Down deve ocorrer de forma gradual, pois estas crianças não conseguem absorver grande número de informações. Também não devem ser apresentadas à criança com síndrome de Down informações isoladas ou mecânicas, de forma que a aprendizagem deve ocorrer de forma facilitada, por meio de momentos prazerosos. (SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 211-212).

Em nossas sessões, utilizei estratégias como: contação de história, livros infantis e música. A primeira história que contei para Figueira foi “A magia do alfabeto” e não utilizei livro como recurso. Entretanto, ao percebê-la se retrair com abordagens referentes à alfabetização, adotei estratégias com maior ênfase de ludicidade. Sendo assim, nas duas sessões seguintes, realizei a leitura de livros infantis, são eles: “Eu nunca vou comer um tomate” e “Este livro comeu meu cão”. A escolha desses livros atribui-se ao fato de ter percebido que não cabia a mim, enquanto equoterapeuta, alfabetizá-la e sim proporcionar estímulos que contribuam para o seu desenvolvimento, bem como, mostrar a menina a funcionalidade da leitura. Assim, procurei entre os livros de histórias infantis que tenho a disposição em casa os que julguei mais

adequados por possuírem uma linguagem simples e direta; com início, meio e fim bem definidos; histórias de fácil compreensão. Dessa forma, a leitura procura abordar, de maneira lúdica, estímulos como: elaboração de hipóteses, ao fazer a motivação prévia a partir da imagem e do título, estimulando a capacidade inferência e predição; atenção, acompanhar a história e responder a perguntas referentes aos acontecimentos do enredo; memória sequencial, compreender a ordem em que a história se desenvolve (início, meio e fim).

Em meu último dia na Equoterapia, escutamos juntas, no aparelho celular, a música Rato, do grupo infantil Palavra Cantada. Assim como a contação de histórias, a música abrange o mesmo objetivo, que é através de interpretação oral, retomar as informações da história como título e personagens, reconstruía a sequência dos fatos para estimular o pensamento lógico. Ao final dessas propostas, fazia breves intervenções, tais como:

- Qual é o título da história?
- Qual é o personagem principal?
- Quais são os outros personagens?
- O que aconteceu na história?
- Como a história acabou?
- Qual é a história da música?
- Quem é o personagem principal da música?

Em todas essas propostas levadas para Figueira, os personagens apareciam de maneira gradual e pontual, pois, assim facilitava para ela perceber a ordem em que os fatos ocorriam e a organização das histórias. Dessa forma, as sessões passaram a ser bem mais agradáveis e divertidas para a menina. Sempre que iniciava a sessão, ela já perguntava ansiosa qual era a história do dia.

Ao final do período de campo, ressalto algumas questões referentes ao acompanhamento de Figueira: através do trabalho desenvolvido com a menina, realizei importantes reflexões acerca do trabalho pedagógico na Equoterapia, visto que, percebi minhas precipitações ao querer realizar com ela um trabalho escolar que, no ambiente equoterápico, não era de minha alçada. Contudo, acredito que em meu processo de descoberta sobre as possibilidades pedagógicas, fiz um bom trabalho. As propostas iniciadas através da leitura de fruição podem ser elaboradas da seguinte maneira: imagens dos personagens da história contada para que a menina os identifique; realizar a contação de história através do avental utilizando-o no cavalo; levar três

imagens da história contada que demarquem fatos ocorridos no início, meio e fim, para que a menina os organize em sequência.

Figueira é uma menina extrovertida e amorosa, entretanto, demonstrou retrair-se ao ser exigida em questões de cunho escolar. Isso se deve ao fato dela perceber que ainda não construiu conhecimentos suficientes para corresponder ao que era solicitado. Por tal motivo, o acompanhamento pedagógico com Figueira deve contemplar um planejamento lúdico e estimular a sua autoestima através de propostas que a menina compreenda e consiga realizar de maneira autônoma. Também é importante que as atividades sejam curtas, levando em consideração o tempo da sessão e o tempo que a criança atendida necessita para dar conta da mesma. As atividades precisam apresentar início, meio e fim claros, a fim de que o sujeito sinta que teve sucesso na sua realização. Se a ideia é que atividade seja concluída em outro encontro, isso deve ser explicado desde o início para que a sensação de fracasso e incapacidade não diminua ainda mais a autoestima e aprofunde alguma possível aversão às atividades escolares.

Umbu tem 10 anos e está no 4º ano escolar. O menino acompanha, com adaptações, o conteúdo proposto para a sua turma. Porém, Umbu não estabelece uma relação adequada com seus pares em decorrência de sintomas característicos do Transtorno do Espectro Autista, tais como: dificuldade de sustentar um diálogo com outras crianças, riso inapropriado, modos arredios, insistência em repetição, resistência à mudança, procedimento com poses bizarras, ecolalia, hiperfoco, acessos de raiva e baixa tolerância a frustrações. (SAMPAIO; FREITAS, 2014)

Assim como Buriti, Umbu também apresenta ecolalia, característica muito comum no TEA, podendo ocorrer de maneira imediata ou tardia. Em ambos os casos acompanhados, a ecolalia caracteriza-se como tardia, o que ocasiona frases descontextualizadas da parte dos dois meninos.

Foi observado que essas repetições podiam ocorrer pouco tempo ou imediatamente após a afirmativa modelo, ou ainda, após um tempo significativamente maior de sua produção, sendo denominadas como ecolalia "imediata" e "tardia", respectivamente. Desde então, estas têm sido consideradas as duas categorias gerais de ecolalias identificadas na linguagem de indivíduos autistas. (SAAD; GOLDFELD 2009. p. 2)

Assim, percebe-se que a ecolalia tardia pode ser mais dificilmente identificável, visto que a fala reproduzida pela criança irá acontecer tardiamente, ou seja, em um momento diferente daquele em que ela escutou.

Segundo a fonoaudióloga Carla Ulliane (2016), os recentes estudos acerca da ecolalia a defendem como um meio de interação comunicativa por parte das crianças com TEA, sendo

assim, seria uma maneira “primitiva” de contato social, principalmente quando a criança encontra-se diante de uma linguagem que está além de suas habilidades linguísticas. Entretanto, nem sempre a ecolalia apresenta-se como tentativa de interação, o que irá evidenciar isso é o contexto em que ela ocorre (ULLIANE, 2016). Assim, a ecolalia tardia (apresentada por Umbu e Buriti) pode parecer, à primeira vista, apenas frases descontextualizadas, porém, é preciso analisar o contexto em que essas repetições ocorrem para identificar se há tentativa de interação. Dessa maneira, a estratégia adotada pode ser a de introduzir, em diálogos e contextos de comunicação, as falas advindas da ecolalia tardia para que a criança perceba, aos poucos, os momentos mais adequados para utilizá-las. Outra maneira pode ser fazer a criança refletir sobre o que está falando. Umbu, por exemplo, repetia a frase “morre diabo!” muitas vezes ao longo das sessões, porém, sem destinar sentido a ela. Sempre que isso ocorria, eu procurava questioná-lo da seguinte maneira: “quem morre?”, “quem é diabo?”, “o que quisestes dizer com isso?”, “me explica o que isso significa”. Assim, Umbu refletia sobre qual significado ele emprega a essa frase e, conseqüentemente, se estava utilizando-a em contexto adequada.

Em decorrência disso, em minhas sessões com Umbu procurava manter diálogos coerentes e que fossem do interesse de ambos, não apenas falar sobre o que ele gostava, mesmo compreendendo que a fala girava em torno dos interesses restritos que permitiam a ele um repertório de fala mais coerente; procurava também, auxiliar em sua noção de tempo, para que conseguisse respeitar o período da sessão (pois ele sempre queria encerrar antes). Buscava amenizar as características citadas anteriormente com o intuito de lhe proporcionar um convívio social mais funcional. Antes de me apresentar para Umbu, conversei com a sua mãe para saber quais eram os seus interesses e, coincidentemente, descobri que o menino interessava-se por incensos, mantras, meditação e Buda, assim como eu. Utilizei esse interesse que temos em comum para aproximar-me de Umbu. Dessa maneira, iniciamos nossas sessões conversando sobre assuntos relacionados a isso, eu lhe ensinava o que sabia referente ao assunto e ele me ensinava também.

Os atendimentos com Umbu, assim como os de Buriti e Figueira, dividiam-se entre as propostas pedagógicas e os exercícios de equitação. Maricá e eu não tínhamos uma regra de quem começava primeiro e, normalmente não eram divididos 15 minutos para cada uma. Costumávamos fazer as propostas mesclando nossos interesses. As atividades de equitação trazidas por Maricá eram as mesmas para os três atendimentos.

Com Umbu eu procurava manter diálogos sobre assuntos que fossem do interesse de todos, conversávamos, também, sobre os conteúdos que ele estava estudando na escola e sobre seu relacionamento com colegas, professores e familiares. Também tínhamos a combinação de

que sempre lhe seria avisado a hora em que a sessão estava começando e a hora que a mesma iria terminar, pois o menino costumava pedir repetidas vezes para ir embora. O combinado era que ele apenas poderia perguntar que horas eram e, assim, calcular quanto tempo restava de sessão. A combinação funcionou e o menino, com o passar do tempo, começou a ficar mais tolerante aos 30 minutos de sessão.

Ao final do período de campo, ressalto algumas questões referentes ao acompanhamento de Umbu: a partir da experiência com as sessões, em que o menino apresenta baixa tolerância com o horário de seu atendimento, ressalto a possibilidade de utilizar algum aparelho capaz de marcar o tempo, como um cronômetro, por exemplo. Este aparelho pode permanecer com a criança para que esta consulte periodicamente, percebendo a passagem do tempo. Esta proposta pode auxiliar no desenvolvimento da organização temporal, a aquisição da noção de tempo é mesmo uma das mais demoradas entre as crianças de modo geral e que Umbu, apesar da idade ainda não tem bem desenvolvida.

A noção de organização temporal é estabelecida pela compreensão da sucessão e periodicidade, a partir das mudanças que ocorrem ao longo do tempo. De acordo com Neira (2003, p.129), as crianças só lidam com o tempo no presente; porém, à medida que aprendem a ordenar os acontecimentos e a tomar consciência dos intervalos temporais entre eles, desenvolvem uma compreensão intuitiva de tempo, baseada na sucessão dos eventos e na duração dos intervalos. (MEDINA; ROSA; MARQUES, 2006. p. 109)

A utilização de recursos que demarquem a rotina é uma estratégia adotada para as intervenções realizadas com crianças com TEA, visto que, estas apresentam “padrões repetitivos e estereotipados de comportamento, têm resistência a mudanças, insistência em determinadas rotinas” (GADIA, 2016. p. 440). Por tal motivo, é importante que a criança saiba com antecedência o que irá acontecer, evitando que a mesma se desorganize. Dessa maneira, as sessões com Umbu poderiam iniciar sempre com a explicação de sua rotina, utilizando, inclusive, reforço visual, para que o menino fique a par de todas as propostas que ocorrerão e, em seguida, lhe seja entregue o aparelho para marcar o tempo. Devido à baixa tolerância que o menino demonstra ter com frustrações e com o horário de sua sessão, o planejamento de Umbu deve rigorosamente obedecer a uma rotina, combinada desde o início, a fim de fazê-lo compreender a ordem cronológica dos acontecimentos. Dessa forma, Umbu perceberá que há objetivos a serem concluídos ao longo da sessão e que só após concluí-los, seu horário terá encerrado. Por isso, reforço a importância de que as atividades sejam pensadas de acordo com o tempo de atendimento e o tempo da criança, e que estas sejam concluídas para evitar o sentimento de incompletude e reduzir a frustração.

As sessões com Umbu, assim como as sessões de Buriti, eram caracterizadas por diálogos e reflexões a partir de assuntos trazidos por eles. Dessa maneira foi possível conhecê-los e reconhecer seus interesses e necessidades para planejar futuras intervenções possíveis. Em ambos os casos, eu procurava fazê-los refletir sobre determinadas atitudes e comportamentos. Assim, os desafiava a pensar sobre seus comportamentos em dadas situações, prever o resultado de acontecimentos a partir de determinadas atitudes e, de tal forma, proporcionar-lhes diferentes pontos de vista.

A partir dos três casos relatados e das reflexões realizadas, surgiram expressivas possibilidades pedagógicas que poderiam ser utilizadas com esses praticantes. Contudo, não é possível prever quais resultados seriam alcançados. Para isso, far-se-ia necessário que essas estratégias fossem aplicadas na prática equoterápica das crianças. Visto que a aquisição da aprendizagem, assim como destaca Corso (2013, p.100), é “um conjunto de fatores internos e externos ao indivíduo que, interagindo simultaneamente, irão determinar a forma, o ritmo, o estilo de aprendizagem e desenvolvimento de cada pessoa”. Por tal motivo, é necessário conhecer as especificidades, interesses e potencialidades dos praticantes antes de elaborar propostas pedagógicas. Este planejamento deve ser individualizado, pois assim como relembra Corso (2013), o desrespeito ao tempo da criança e a sua forma de aprender, assim como a não valorização do seu saber, são pontos de partida para a construção de dificuldades de aprendizagem. Dessa maneira, para estimular o desenvolvimento, é preciso compreender o tempo de cada praticante e proporcionar propostas que contemplem seus saberes, para que estes se sintam valorizados e capazes.

5.2 INTERDISCIPLINARIDADE

Há uma série de conceitos específicos associados à Equoterapia, sendo a interdisciplinaridade um dos mais relevantes, pois, como dito anteriormente, é impossível dissociar a interdisciplinaridade da prática equoterápica. A equipe interdisciplinar, junto ao cavalo, é uma das faces fundamentais desse método terapêutico e educacional. Por tal motivo, compreender e vivenciar a interdisciplinaridade são essenciais para os que estão inseridos ou buscam inserir-se no ambiente equoterápico. Contudo, a presença dos profissionais de educação nas equipes de Equoterapia, em geral, ainda não se equipara a dos profissionais da saúde.

O centro de Equoterapia campo desta pesquisa, não possui profissionais da área da educação em sua equipe. Sendo assim, em meus primeiros encontros com seus proprietários, Pitanga e Timbó, estabelecemos que eu iniciasse minha prática observando o maior número de sessões que conseguisse para, aos poucos, encontrar meu espaço na equipe e junto às crianças atendidas. Com o passar dos sábados, meu espaço na equipe foi se configurando. Estabeleci uma boa relação de trabalho com Maricá no atendimento de algumas crianças. Sendo que estas crianças compuseram meu quadro fixo de experimentação da prática pedagógica, me permitindo vivenciar a interdisciplinaridade no espaço equoterápico. Maricá acompanhava a sessão andando a cavalo ao lado do praticante enquanto eu caminhava sempre do outro lado da criança. Dessa maneira, dividíamos o tempo do atendimento entre propostas as pedagógicas trazidas por mim e os exercícios de equitação trazidos por ela. Procurávamos estar sempre em contato para traçar os objetivos esperados para cada um desses três praticantes.

Após conquistar o meu espaço na equipe, percebi que o trabalho do equoterapeuta não está restrito apenas às sessões com os praticantes. Desde o momento em que chegamos ao local na primeira hora da manhã até irmos embora, precisamos estar atentas a tudo. Afinal, em determinados momentos, nosso trabalho pode estar em auxiliar outro colega, atender familiares de praticantes, recepcionar alguém novo e diversas outras situações que podem ocorrer no dia-a-dia, não propriamente mediando alguma atividade da criança no cavalo. Para exemplificar, retomo a situação relatada no dia 30 de março, em que um menino recusava-se a montar e houve muita interferência da família na abordagem utilizada pela Pitanga. Nesse caso, é possível refletir em como a equipe interdisciplinar poderia atuar: enquanto um profissional ficaria responsável por realizar a abordagem utilizando estratégias terapêuticas para obter a atenção e conquistar a confiança da criança, outro poderia conversar com a família e fazê-la compreender que a sua interferência não estava sendo benéfica para o praticante. Possivelmente, dessa maneira, a sessão iniciaria de modo menos tumultuado.

Cavalgar, no mais claro sentido é dar e receber. Porém, muitas vezes, não estamos exatamente prontos para os dois. É necessário haver um *timing*, um tempo certo para que as coisas se realizem. O primeiro contato com um ser ativo desperta-nos um misto de atração junto a grandes inseguranças que precisam ser vencidas. Para tal, devemos oportunizar o enlace afetivo, podendo ser este realizado por meio de atividades que criem confiabilidade, como: o alimentar, o encilhar, entre outras. (MEDEIROS; DIAS, 2008. p. 40)

Dessa maneira, é possível perceber que a sessão equoterápica não está só na montaria e que estratégias pedagógicas podem ser utilizadas também no momento da adaptação. Apesar

de este ser o momento central, também é preciso refletir sobre como podemos potencializar a sua ação terapêutica nos praticantes. Para isso, o momento inicial (que antecede a montaria) é decisivo para proporcionar um atendimento de qualidade.

Ao acompanhar a equipe de Timbó e Pitanga, percebo que a Equoterapia exige de seus profissionais um trabalho organizado, porém, flexível. Ao fazer parte da equipe interdisciplinar, é preciso compreender que, apesar de cada um ter funções pré-determinadas, trabalhamos sujeitos a muitos imprevistos. Portanto, flexibilidade, agilidade e colaboração são características muito importantes para os profissionais de Equoterapia.

A fim de suprir as necessidades dos praticantes, é feita uma análise da situação de cada um e formadas as equipes que irão acompanhá-los em suas sessões. O programa em que o praticante se encontra é determinante para a designação de sua equipe, visto que, para cada programa existem demandas mais urgentes que se sobressaem: hipoterapia (saúde), educação/reeducação equestre (educação e equitação), pré-esportiva e esportiva (equitação).

A prática da Equoterapia é realizada por equipes de profissionais que atuam de forma interdisciplinar. Para dar início ao atendimento faz-se necessário um diagnóstico, uma indicação médica e avaliações dos profissionais das áreas envolvidas, com o objetivo de planejar os atendimentos de maneira individualizada. (FIUZA; PERANZONI; GUERRA, 2018. p. 31)

Entretanto, é importante salientar que, na prática cotidiana, essas questões não devem ser tratadas de maneira fixa. Visto que, profissionais das três áreas de conhecimento podem (e devem) acompanhar praticantes de todos os programas.

Não são apenas as bibliografias referentes à Equoterapia que interligam as áreas da saúde e da educação. Outras áreas de estudo, complementares a esse método terapêutico, assim como as áreas que estudam as dificuldades e os transtornos de aprendizagem, também ressaltam a ligação que existe entre saúde e educação para o aprendizado, seja ele em condições patológicas ou não.

A partir de uma abordagem neurobiológica do aprendizado, podemos admitir a existência de uma interface entre duas áreas de atuação profissional: a educação e a saúde. [...] O ideal é que não só os profissionais da área da saúde, mas também os da educação tenham noções básicas a respeito do funcionamento normal e patológico do SNC [Sistema Nervoso Central]. (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2016. p. 9)

Dessa maneira, fica visível a importância de uma proposta interdisciplinar realizada pelos centros de atendimento a pessoas com deficiência como é o caso da Equoterapia, bem como a formação continuada de profissionais que atendem crianças com deficiência.

5.3 PEDAGOGIA NA EQUOTERAPIA

O caminho teórico-metodológico percorrido para a elaboração desta pesquisa foi longo. Como já lembrado anteriormente, os cursos de graduação em Pedagogia, não preparam profissionais para atuarem em centros de Equoterapia ou em qualquer outro espaço educativo que faça interface com a saúde. Por tal motivo, a busca por essas respostas iniciou-se através de muita leitura e estudo sobre o funcionamento e os fundamentos que norteiam esse método terapêutico. A resposta para o primeiro problema de pesquisa começou a ser formulada através do referencial teórico utilizado, afinal, toda e qualquer bibliografia que define o que é Equoterapia menciona a educação como um de seus pilares:

O termo “equoterapia” denomina todas as práticas que utilizam o cavalo, as técnicas de equitação e as atividades equestres, visando o desenvolvimento global e à reabilitação ou à educação do praticante. De acordo com a Ande-Brasil, a equoterapia constitui-se de um método terapêutico e pedagógico que utiliza o cavalo, a partir de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas da saúde, da educação e da equitação, com o objetivo de um desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais. (FIUZA; PERANZONI; GUERRA, 2018. p. 21-22)

A partir dos referenciais teóricos utilizados para a construção desta pesquisa, não foi difícil encontrar menção à Pedagogia como uma das áreas do conhecimento atuantes na Equoterapia, porém, era preciso mais do que isso para refletir e responder as questões levantadas.

A Equoterapia é um método terapêutico que tem o cavalo como agente central na minimização das dificuldades, sendo este utilizado de maneira interdisciplinar. Ao realizar a prática equestre, o praticante está sujeito à atuação cinesioterapêutica do cavalo. Contudo, ao participar da rotina do centro equoterápico, percebi as interfaces da atuação equina no tratamento de crianças com deficiência. Os praticantes costumavam ter cavalos fixos em seus atendimentos, o que estreitava o laço afetivo entre eles, pois os praticantes iniciavam suas montarias com entusiasmo em rever seus amigos equinos. Também ressalto o carinho e cuidado

que as crianças e suas respectivas famílias demonstravam com os animais ao sempre levar cenouras para alimentá-los ao final das sessões e despediam-se dos cavalos com calorosos afagos no pescoço, agradecendo pelo momento terapêutico. Dessa maneira, é possível observar o cavalo atuando como agente terapêutico e de inserção sociofamiliar dos praticantes, visto que os momentos de interação não se resumem apenas ao ato montar.

Além do cavalo, a equipe interdisciplinar ganha relevante destaque, nos estudos realizados, para o bom funcionamento e atendimento de qualidade no trabalho equoterápico. Esta equipe, de acordo com a ANDE-BRASIL, deve contar com: profissionais da área da saúde, educação e equitação. Assim, pode-se ver que o lugar da Pedagogia na equipe interdisciplinar é reconhecido e nomeado, porém, segue a dúvida de qual, exatamente, seria o seu espaço e a sua função dentro dessa equipe. Para responder a esse questionamento, é preciso compreender que a Equoterapia atua com pessoas com deficiências, sendo assim, devemos nos atentar que, nesses casos, o atendimento deve ser individualizado, priorizando as necessidades de cada praticante e o seu modo de aprender. Em decorrência disso, a atuação pedagógica, assim como a dos outros profissionais, é flexível e pode variar de atendimento para atendimento.

No período em que atuei na Equoterapia, tive a oportunidade de vivenciar a relação profissional da equipe interdisciplinar. Eu costumava sempre chegar ao local às 8h20min, normalmente todos já estavam lá, socializando em uma roda de chimarrão antes de iniciarmos os atendimentos. Timbó, Maricá e Tanheiro eram responsáveis por preparar os cavalos, Guazuma e eu tínhamos a responsabilidade de atuar apenas nos atendimentos, visto que estávamos iniciando no âmbito equoterápico. A relação entre todos nós era boa, foi possível perceber a sintonia que havia na equipe. Costumávamos nos dividir em pequenos grupos de atendimentos, como, por exemplo: eu e Maricá; Pitanga, Guazuma e Jaborandi; Tanheiro e Timbó. Obviamente essas configurações variavam em alguns atendimentos, pois isso dependia de como transcorriam as manhãs, porém, essas divisões destacaram-se no período em que estive lá.

Nos momentos de interação da equipe, quando não estávamos em atendimento, conversávamos sobre os praticantes, seus objetivos, melhoras, dificuldades e sobre o que era possível ajustar em cada sessão. Essas conversas, embora ocorressem de maneira informal, eram constantes. Assim, correram os meses em que eu estava lá, recorriamos uns aos outros quando necessário. Para exemplificar, retomo situações corriqueiras, tais como: Guazuma e eu costumávamos perguntar para o Timbó, Maricá e Tanheiro qual cavalo seria utilizado na sessão de determinada criança, eles nos respondiam e sempre nos auxiliavam no manuseio do equino. É válido ressaltar que existem características específicas para a escolha dos cavalos destinados

ao tratamento dos praticantes. Contudo, os fatores que determinam a escolha mais apropriada do cavalo variam, dentre eles podemos citar: andadura, temperamento, altura e aprumos simétricos²². Pitanga e Timbó eram os principais responsáveis pela organização de todo o trabalho equoterápico, então, quando surgia alguma dúvida ou imprevisto como, por exemplo, uma criança atrasar e chegar fora de seu horário, sempre perguntávamos a eles quem iria atendê-la.

Em decorrência do pouco tempo que tive de campo, não consegui desenvolver muitas propostas pedagógicas utilizando recursos diferenciados, pois, precisei ater-me a criar vínculo afetivo e de confiança com os praticantes. Sendo assim, realizei um trabalho de aproximação das crianças, reconhecimento do local e de seu funcionamento e observação. Entretanto, foi possível compreender de qual maneira eu poderia colaborar, caso fizesse parte da equipe de maneira efetiva. Compreendi que o lugar de profissionais da Pedagogia na equipe, assim como outros profissionais, é auxiliar o desenvolvimento de cada praticante a partir da sua área de atuação. Visto que, a Pedagogia “forma profissionais habilitados a investigar e acompanhar o processo de aprendizagem de crianças, jovens e adultos, através de uma atuação pedagógica específica”²³, a pedagoga deve atentar-se, principalmente, para as demandas do desenvolvimento pedagógico dos praticantes. Aprende-se no curso de Licenciatura em Pedagogia que tudo é pedagógico em um ambiente escolar: a hora do recreio, hora do lanche, interação entre criança/criança, criança/professor e criança/funcionário, ou seja, todo e qualquer momento que a criança tenha na escola deve ser valorizado e reconhecido como parte do processo de construção dos seus saberes. Na Equoterapia não é diferente e, refletindo sobre isso, pude compreender que nem sempre o recurso material faz-se necessário, às vezes, os diálogos construídos com os praticantes e a utilização do meio como recurso pedagógico são suficientes para uma sessão produtiva. Enquanto observadora participante, precisei optar por propostas simples e eficazes, por tal motivo, em diversos atendimentos, utilizei o cavalo e o meio como recursos pedagógicos. Ao acompanhar as crianças em suas sessões, procurava auxiliá-la a desenvolver noções, tais como:

- a) Posição no espaço – fazer relação entre a distância do praticante para determinado objeto ou ser: “Aquele cabra está longe ou perto da gente?”; “Olha aqueles cavalos

²² Aspectos gerais dos membros do cavalo, tais como posição das patas e arqueamento dos joelhos, são chamado de aprumos. Segundo Medeiros; Dias, é importante que os aprumos do cavalo sejam simétricos “pois as alterações estruturais (valgismo, verismo etc.) interferem na estimulação que chega ao paciente”. (2008. p. 37)

²³ Disponível em: < http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=341>. Acesso em: 7 de jun. 2019.

bem juntinhos, acho que eles são amigos”; “Estamos perto desta árvore, precisamos chegar naquela, ela está longe ou perto?”.

- b) Figura fundo – estimular o praticante a selecionar determinado objeto ou ser que esteja a certa distância: “Vamos jogar bola? Lembra aonde ela fica? Podes nos guiar até lá?”; “Aonde estão os cones para brincarmos de zigue-zague?”; “Estás vendo algum outro cavalo? Aonde?”.
- c) Relações espaciais – auxiliar o praticante a perceber a relação entre ele e os objetos e seres, ou a relação entre seres e objetos: “Tu estás em cima ou embaixo do cavalo?” “O cavalo está em cima ou embaixo de ti?” “Tu és maior ou menor que o cavalo?” “O cavalo é maior ou menor que a cabra?” “Tu estás montado de frente, de lado ou de costas em relação ao cavalo?”.
- d) Memória visual – no final da sessão, lembrar o que foi visto: “Qual foi o caminho que fizemos hoje?”; “Passamos pela trilha?”; “Passamos pelo açude?”; “O que vimos pelo caminho?”; “Havia outros animais?”.
- e) Memória sequencial – no final da sessão, lembrar a ordem em que os fatos ocorreram: “O que fizemos de legal hoje?”; “Qual foi a primeira coisa que fizemos?; “O que fizemos depois?”; “O que tu mais gostastes?”; “Isso ocorreu antes do que?”.
- f) Texturas, formas e sensações: comparar, através dos sentidos, a diferença entre os seres e/ou objetos: “A crina do cavalo é áspera ou macia?”; “A cela é dura ou mole?”; “É gostoso abraçar o cavalo? O que tu sentes?”; “Passa a mão no cavalo.”; “Vamos tocar na árvore? O que tu sentes de diferente quando toca na árvore para quando tocas no cavalo?”.

As impressões sensoriais e suas interpretações, seleções e organizações possibilitam ao indivíduo a edificação do seu saber. No ambiente da Equoterapia, observamos facilmente a riqueza de estímulos sensoriais que envolvem o paciente, favorecendo a aquisição de seus aprendizados. (MEDEIROS; DIAS, 2008. p. 18)

Com propostas simples como estes questionamentos envolvendo o ambiente e o cavalo, foi possível explorar esta relação de maneira pedagógica, auxiliando os praticantes na ativação sensorio-perceptiva. Todavia, é válido ressaltar que a riqueza que existe no ambiente não exclui a importância do trabalho pedagógico a partir de outros recursos e materiais.

5.4 DESAFIOS ENCONTRADOS

Enquanto (quase) pedagoga, o maior desafio que encontrei na Equoterapia foi, justamente, perceber qual era o meu lugar na equipe e como deveria ser a minha colaboração. Para isso, foi preciso compreender que, assim como a descrição do curso de Licenciatura em Pedagogia destaca, a “atuação pedagógica específica”, realmente pode variar significativamente dependendo das demandas de cada local de atuação. Assim como a maioria dos estudantes de Pedagogia, eu estava acostumada a atuar em sala de aula e, foi preciso compreender que as exigências pedagógicas do âmbito escolar, em praticamente nada se equiparam às da Equoterapia. Como professora, tenho conteúdos e conceitos específicos para cada faixa-etária e, os alunos apropriam-se desses saberes escolares através de diversas atividades, jogos, brincadeiras, cópias, explicações e repetições. Na Equoterapia, a atuação pedagógica se dá de maneira diferente, pois, nesse ambiente, o trabalho do pedagogo não é o de alfabetizar ou ensinar conteúdos e sim o de auxiliar a criança a desenvolver sua capacidade de aprendizagem e detectar as estratégias cognitivas de que dispõem e acioná-las para aprender, para que o seu rendimento em sala de aula e sociedade se potencialize.

Ao realizar pesquisa teórica e empírica para a construção deste estudo, destaco as possibilidades pedagógicas, aliadas ao cavalo enquanto instrumento pedagógico, como uma potente alternativa no tratamento de crianças com deficiência. Quando se fala da aquisição de aprendizagem, é preciso considerar diferentes fatores que deverão ser reconhecidos em sua individualidade e na interação com os demais.

Fatores ligados a aspectos ambientais (ambiente no qual a criança se insere), aspectos sociais (sociedade, cultura do indivíduo), aspectos genéticos (ainda não determinados com precisão pela ciência) e aspectos internos ao indivíduo (história de vida, fatores orgânicos, fatores psicológicos). (CORSO,2013. p. 100)

As dificuldades de aprendizagem que se apresentam em determinadas crianças são advindas de um conjunto de fatores que, em tratamento equoterápico, podem ser trabalhados de maneira integrada, visando à minimização dessas questões. O cavalo, enquanto instrumento pedagógico, aliado as intervenções pedagógicas, auxilia os praticantes em aquisições que antecedem as aprendizagens escolares, tais como: atenção, concentração, controle corporal e controle de impulsos. Em sua pesquisa, que visa responder como a Equoterapia contribui para o processo de ensino-aprendizagem dos praticantes com diagnóstico de *déficit* de atenção,

Fiuza; Peranzoni; Guerra apresentam significativos resultados no desenvolvimento de alguns praticantes: “melhoras relacionadas ao comportamento hiperativo, à agressividade, à atenção, à concentração e à persistência” (2018. p. 84-85). Essas aquisições proporcionam o desenvolvimento de outras mais complexas, como as aquisições escolares, “as competências adquiridas e ampliadas na equitação terapêutica farão parte da rotina e da vida desses meninos [e meninas], como alunos e futuros cidadãos”. (FIUZA; PERANZONI; GUERRA, 2018. p. 86).

O trabalho que exercia na equipe era constantemente acompanhado, supervisionado e orientado por Pitanga. Em um de nossos momentos de orientação, a mesma pontuou-me diferenças significativas existentes entre o trabalho pedagógico exercido em instituições escolares e o exercido na Equoterapia. Pitanga é fisioterapeuta, porém, atua há quase duas décadas no trabalho equoterápico e, sendo assim, possui muito conhecimento sobre o assunto. Em nossa conversa, ela aconselhou-me a não levar um número elevado de propostas para os atendimentos, bem como não levar propostas que provocassem cansaço ou desmotivação nos praticantes. Visto que, a Equoterapia deve servir como um complemento para o desenvolvimento, este não deve ser percebido como único método responsável pelo processo de aquisições de seus praticantes. Através dos estímulos proporcionados pelo tratamento equoterápico (equilíbrio, ajuste tônico, alinhamento corporal, coordenação motora, entre outros), é possível perceber melhoras no âmbito escolar, pois a organização, motricidade ampla e fina e postura corporal dependem dessas aquisições.

Pitanga aconselhou-me, também, a utilizar os recursos do ambiente como estratégia pedagógica, ou seja, propostas que contemplassem a natureza, animais, encilha do cavalo e todos os outros recursos existentes no próprio local. Em meio ao trabalho pedagógico, é preciso que o praticante seja estimulado a interagir de maneira espontânea, ou seja, valorizar e respeitar a forma de interação e autonomia de cada criança. Ao colocar em prática os conselhos de Pitanga, percebi melhora na qualidade dos atendimentos e na minha relação com os praticantes, pois foi possível adequar às intervenções orais, tornando-as mais potentes ao valorizar os recursos existentes no local e a espontaneidade das crianças.

Devido ao fato da Equoterapia ser um atendimento especializado para crianças com deficiência que busca o desenvolvimento individual de seus praticantes, o parâmetro de cada criança deve ser apenas ela mesma. No trabalho equoterápico, a pedagoga deve servir como agente facilitador para que a criança construa, através das aprendizagens obtidas na Equoterapia, a base necessária para atingir esse desenvolvimento individual. A aprendizagem “pode ser traduzida como a capacidade e a possibilidade que as pessoas têm para perceber, conhecer, compreender e reter na memória as informações obtidas.” (SAMPALIO; FREITAS,

2014, p.17). Indo ao encontro disso, a Equoterapia proporciona aos seus praticantes, através das experiências propostas, a aquisição de conhecimentos prévios necessários para o processo de aprendizagem.

5.5 RECURSOS PEDAGÓGICOS

Ao compreender como se dá a atuação pedagógica na Equoterapia, faz-se necessário refletir sobre os recursos pedagógicos utilizados nas sessões. Para isso, é válido ressaltar que devem ser pensados e planejados materiais que consigam atender a diferentes demandas, pois, apesar do atendimento visar à valorização da individualidade, é desnecessário confeccionar materiais individualizados. A variedade de recursos que pode ser utilizada é grande, contudo, alguns aspectos importantes devem ser levados em consideração, tais como os fatores climáticos, o tamanho dos recursos materiais utilizados e a confecção dos mesmos.

Os recursos pedagógicos acompanham os profissionais de Pedagogia em toda a sua jornada profissional e, na Equoterapia não seria diferente. Contudo, a seleção e/ou elaboração de materiais deve ser adaptada para o ambiente equoterápico. Visto que, os atendimentos de Equoterapia ocorrem em ambientes abertos e, geralmente, em zonas rurais, os materiais utilizados estarão expostos aos fatores climáticos e deverão ser resistentes a eles. Por exemplo, poderá haver recursos pedagógicos colocados em árvores ao longo do percurso, tais como placas com letras, números, cores, gravuras *etc.* e, para isso, é preciso que esse material seja construído para resistir a chuvas e ventos. Há local fechado para guardar outros materiais que não são permanentemente expostos, como fantoches, bolas, bonecos, livros, bambolês e recursos confeccionados em tecido (como feltro). Contudo, é preciso considerar que a Equoterapia é uma atividade que acontece em espaços abertos e em contato constante com a natureza e, conseqüentemente, isso interfere na conservação dos materiais mais delicados.

Outro aspecto relevante que deve ser considerado nos materiais utilizados em Equoterapia é o tamanho, pois é preciso compreender que o praticante estará em movimento em cima de um cavalo e, por isso, o material precisa ser grande o suficiente para que a criança visualize sem dificuldade. Ainda podemos considerar o fato de que muitos praticantes de Equoterapia possuem problemas de visão, o que torna ainda mais importante o planejamento de materiais com boa visibilidade.

A confecção desses recursos também é uma importante questão a se pensar, visto que são necessários materiais resistentes, leves e que possam ser manuseados com facilidade. Deve-se considerar que, lidando com cavalos ao ar livre, os materiais estão sujeitos a sujar, rasgar, molhar, amassar ou quebrar e é necessário pensar em como podemos evitar que isso ocorra com facilidade. Para isso, o investimento em materiais de madeiras, plásticos e plastificados é uma boa opção, bem como tecidos impermeáveis ou de fácil lavagem.

Ao iniciar meu período de campo, levei para o centro alguns materiais pedagógicos que eu tinha em casa, tais como: avental de contação de história, dado de pelúcia grande, bonecos no palito, peteca, bolas e livros. Ao utilizar esses objetos, percebi a dificuldade de carregá-los e manuseá-los caminhando no campo, também percebi que alguns deles não serviriam para o que eu havia planejado. Para exemplificar, trago o relato de uma situação que ocorreu: Ao tentar utilizar o avental de contação de história na sessão de Figueira, percebi que esse era um recurso que não poderia ser utilizado em atendimento equoterápico de modo convencional, visto que o praticante fica montado no cavalo e o terapeuta está no chão, em um plano inferior. Torna-se ruim o campo de visão do praticante ao ter que olhar para o tronco do terapeuta. Contudo, a Pitanga me apresentou uma maneira de adaptar essa proposta para a Equoterapia: ao invés de o equoterapeuta vestir o avental de feltro, seria confeccionado um material semelhante, uma espécie de avental para vestir na parte traseira do cavalo. Dessa maneira, o praticante pode virar-se no cavalo (o que já proporcionaria uma montaria diferente da tradicional) e acompanhar a história em um campo de visão melhor. Não percebi que poderia ter adaptado o avental, apenas colocando-o sobre o cavalo.

Ao montar virado para a parte traseira do cavalo, a criança está ampliando as suas habilidades na prática equestre, visto que já não tem mais a segurança proporcionada pelo pescoço e cabeça do animal e controle das rédeas. A sensação trazida por vivenciar a montaria sob um parâmetro diferente faz com que a criança saia da zona de conforto e do óbvio, proporcionando uma atividade diferenciada. Ao finalizar as manhãs na Equoterapia, registrava no diário de campo reflexões sobre a manhã de atendimentos e, a partir desses registros, refletia sobre quais possibilidades eram viáveis e adequadas para a semana seguinte.

Fotos dos recursos pedagógicos constam no Apêndice A.

6 QUEM ACREDITA SEMPRE ALCANÇA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena

Acreditar no sonho que se tem

Ou que seus planos nunca vão dar certo

Ou que você nunca vai ser alguém²⁴

Ao longo deste trabalho, construí aprendizagens significativas para refletir sobre o espaço de pedagogas/os na equipe interdisciplinar de Equoterapia e as possibilidades pedagógicas para o âmbito equoterápico. O caminho percorrido durante a elaboração desta pesquisa foi desafiador, pois me tirou da zona de conforto, entretanto me permitiu inúmeras possibilidades e me agregou novos saberes de maneira significativa. Finalizo este estudo com a percepção de que há muitas opções para aprofundar os conhecimentos acerca desta temática. Os objetivos traçados foram contemplados através da pesquisa teórico-metodológica, todavia, ressalto algumas considerações que julgo relevantes.

Produzir um trabalho que abordasse a Equoterapia pelo viés pedagógico, proporcionou diversas opções de enfoque e, ao escolher quais seriam relevantes nesta pesquisa, não restou dúvida de que debater sobre a interdisciplinaridade era necessário. Afinal, os estudos referentes a esse conceito ganham destaque tanto no âmbito pedagógico quanto no equoterápico. A Equoterapia é definida como um método terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar e, os profissionais que trabalham com essa proposta compõem a equipe interdisciplinar de Equoterapia. Entretanto, acredito que os estudos de como podem se articular diferentes áreas do conhecimento demonstram a complexidade existente na definição do conceito de interdisciplinaridade. Ao realizar esta pesquisa de campo, reconheci a relevância de compreender se o trabalho que ocorre nas equipes de Equoterapia, de fato, está no campo da interdisciplinaridade ou se este se encaixaria melhor no conceito de multidisciplinaridade. Segundo Pires (1998), na multidisciplinaridade as pessoas, no caso as disciplinas do currículo escolar, estudam *perto*, mas não *juntas*, ou seja, existe a delimitação entre o conhecimento próprio de cada área. Percebi a prática equoterápica baseada no trabalho de profissionais de diferentes áreas que, apesar de relacionarem seus conhecimentos em prol do desenvolvimento dos praticantes, estes não se fundem e não fazem a mesma coisa. Cada profissional colaborava

²⁴ Música: Mais uma vez

Autoria: Renato Russo/Flávio Venturini

com o seu saber e a sua área de competência para o melhor aproveitamento da sessão. Acredito que, apesar das diferentes áreas atuarem em equipe, cada uma tem a sua contribuição para o desenvolvimento dos praticantes e é importante que assim o seja.

O segundo aspecto que julgo relevante considerar é o conhecimento que constitui enquanto profissional de Pedagogia atuante em Equoterapia. Compreender qual função a Pedagogia ocupa na equipe equoterápica foi um desafio, visto que, perceber as diferenças existentes entre a atuação pedagógica escolar e a equoterápica foi um processo. Segundo Fiuza; Peranzoni; Guerra (2018), a pedagoga “atua como forma de auxílio nas questões de dificuldades de aprendizagem. A atuação dos profissionais não é substituir o professor de sala de aula, mas ser um facilitador no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem como um todo”. Contudo, essas diferenças só foram possíveis de ser compreendidas, de fato, na prática.

Por fim, a elaboração deste trabalho reafirmou a minha vontade de trabalhar com Equoterapia e, aliado a isso, trouxe a descoberta pelo apreço de pesquisar. Encaro a conclusão desta pesquisa como o início de uma jornada, visto que, percebo a vontade e a relevância de dar continuidade aos estudos referentes à atuação pedagógica no método terapêutico equoterápico.

REFERÊNCIAS

- Associação Nacional de Equoterapia. **Indicações e contraindicações em equoterapia**. Brasília, 2017.
- Associação Nacional de Equoterapia. (ANDE-BRASIL). Disponível em: <<http://equoterapia.org.br/>>. Acesso em: 09 fev. 2019
- BEZERRA, Marcus Lopes; CARVALHO, Cintya Oliveira; BARBOSA, Eveline Eloá. **Equoterapia–tratamento terapêutico na reabilitação de pessoas com necessidades especiais**. Fanor, Fortaleza: Faculdade do Nordeste, 2011.
- BRITES, Clay. **O que é ecolalia? – NeuroSaber**. 2017 (3min9s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EfPR6D6Sbtw>>. Acesso em: 26 Jun. 2019
- CORSO, Luciana Vellino. Aprendizagem e desenvolvimento saudável: contribuições da Psicopedagogia. In: SANTOS, Bettina Steren dos; ANNA, Lucia de. **Espaços Psicopedagógicos em diferentes cenários** [recurso eletrônico]. EdiPUCRS. Porto Alegre, 2013. CD-ROM.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; SOUZA, Fernando César de. Diálogos interdisciplinares em saúde e educação: a arte do cuidar. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.37, n 1, p. 107-124, jan./abr. 2012.
- FIUZA, Jaqueline; PERANZONI, Vanessa Cauduro; GUERRA, Aleido Díaz. **Equoterapia na superação de dificuldades de aprendizagem**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A. 1988.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Cortez Editora, 2014.
- LIMA, A. C. **A representação social da interdisciplinaridade para os profissionais que atuam com a equoterapia**. 2005. 106f. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: E.P.U. 2014.
- MEDEIROS, Mylena; DIAS, Emília. **Equoterapia Noções Elementares e Aspectos Neurocientíficos**. Livraria e Editora REVINTER Ltda.: Rio de Janeiro, 2008.
- MEDINA, Josiane; ROSA, Greisy Kelli Broio; MARQUES, Inara. **Desenvolvimento da organização temporal de crianças com dificuldades de aprendizagem**. Journal of Physical Education, v. 17, n. 1, p. 107-116, 2006.
- MOSÉ, Viviane. **O que escola precisa aprender antes de ensinar?** 2013. (49min37s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EigUj_d5n80> Acesso em: 13 abr. 2019

PIRES, Marília Freitas de Campos. **Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino**. São Paulo, 1998.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos (orgs.). **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 2ª ed. Artmed: Porto Alegre, 2016.

SAAD, Andressa Gouveia de Faria; GOLDFELD, Marcia. A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**. 2009 jul-set;21(3):255-60.

SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga de (orgs.). **Transtornos e dificuldades de aprendizagem** – entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais. 2ª ed. Wak Editora: Rio de Janeiro, 2014.

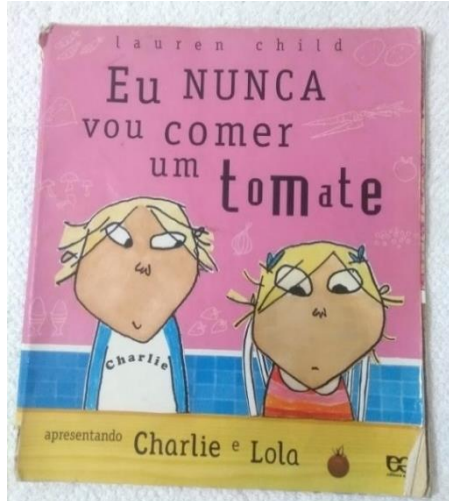
ULLIANE, Carla. **Ecolalia. O que é e o que fazer a respeito**. Disponível em: <<https://carlaulliane.com/2016/ecolalia-o-que-e-e-o-que-fazer-respeito/>> Acesso em: 2 jul. 2019.

VEIGA NETO, Alfredo. Interdisciplinaridade: uma moda que está de volta? **A paixão de aprender**, secretaria municipal de educação – Prefeitura municipal de Porto Alegre, v. 8, 1994, p. 56-61, jul. 1994.

WICKERT, Hugo. **O cavalo como instrumento cinesioterapêutico**. 1999. Brasília – DF. Associação Nacional de Equoterapia, artigos acadêmicos. Disponível em: <<http://equoterapia.org.br/media/artigos-academicos/documentos/11021000.pdf>>. Acesso em: 22 Jun. 2019.

APÊNDICE A – RECURSOS PEDAGÓGICOS

Imagem 1 - Livro: Eu nunca vou comer um tomate



Fonte: Torgó (2019)

Imagem 2 - Livro: Este livro comeu o meu cão



Fonte: Torgó (2019)

Imagem 3 - Avental de contação de história



Fonte: Torgó (2019)

Imagem 4 - Boneca de pano



Fonte: Torgó (2019)

Imagem 5 - Dado de pelúcia



Fonte: Torgó (2019)

Imagem 7 - Dado de pelúcia



Fonte: Torgó (2019)

Imagem 6- Família de bonecos



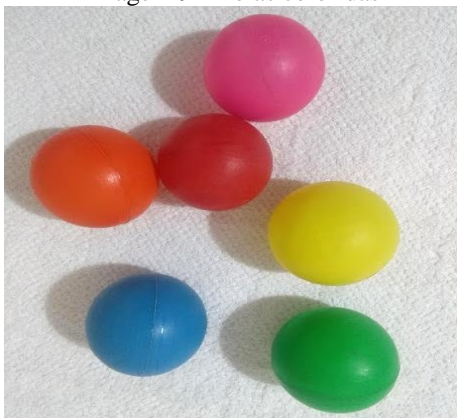
Fonte: Torgó (2019)

Imagem 8 - Bonecos em palito



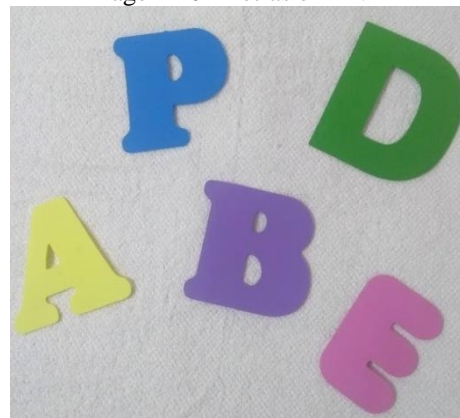
Fonte: Torgó (2019)

Imagem 9 - Bolas coloridas



Fonte: Torgó (2019)

Imagem 10 - Letras em EVA



Fonte: Torgó (2019)